

Viva **Mare** semanário

ENGOMADOS?



LAVANDARIA A SÊCO
RUA 19 N.º 370 - ESPINHO

DIRECTOR: NUNO BARBOSA ■ ANO XXV ■ N.º 1174 ■ ESPINHO ■ 08-02-01 ■ PREÇO: 100\$00 (IVA Inc.)



**PEDRO NÉLSON SOUSA (PSD)
COMENTA DEMISSÃO AO 'MV'**

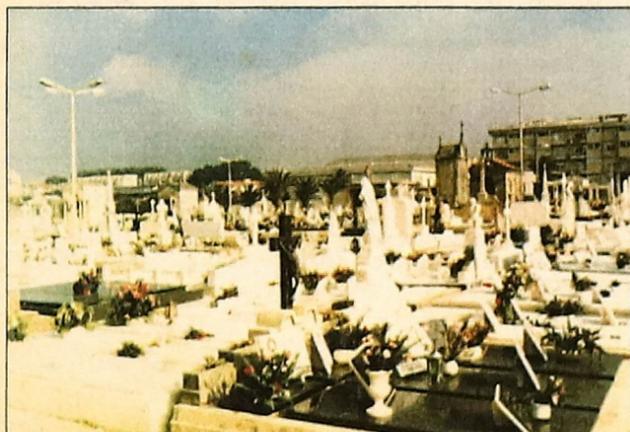
**“EXPERIÊNCIA
NEGATIVA E
TRAUMATIZANTE”**

ENTREVISTA NA PÁG. 7

D.R.

*Humberto Delgado
foi assassinado
há 36 anos*

EVOCACÃO NA PÁG. 5



Contrariando a tendência da AMP

**CEMITÉRIO
DE ESPINHO
SEM
PROBLEMAS**

PÁG. 6

**SERVIÇO
DE FINANÇAS
ALERTA CONTRA
BURLÃO**

PÁG. 2

Espinho
em Breves

Aviso do Serviço de Finanças

O Serviço de Finanças de Espinho fez chegar à nossa Redacção o seguinte alerta aos contribuintes de Espinho, Ovar, Estarreja, Santa Maria da Feira e Vila Nova de Gaia:

1. Tem este Serviço conhecimento, através de contactos pessoais com vários contribuintes deste concelho, bem como de participações de entidades policiais sobre queixas que lhes são apresentadas, de que determinado elemento, aparentando 30 anos, de cabelos pretos, usualmente vestindo fato cinzento, contacta cidadãos, nas suas próprias residências, alegando ser funcionário da Repartição de Finanças de Espinho e estar a tratar de assuntos que dizem respeito à habitação dos mesmos, solicitando-lhes o bilhete de identidade e cartão de contribuinte, recolhendo dos mesmos os respectivos elementos e exigindo que a pessoa em causa assine alguns papéis, bem como cheques para pagamento de despesas.

2. Porque tal atitude não pode, nem nunca poderia ser o comportamento de um funcionário do Estado, se solicita que, em situações análogas, todos os contribuintes, no momento da abordagem, exijam, antes de qualquer assinatura, entrega de quantias em dinheiro, passagem de cheques (o que nunca por nunca deve acontecer, seja qual for a importância, ainda que mínima) ou outro documento, a apresentação do cartão profissional do funcionário, retirando do mesmo a sua identificação e contactando, de imediato, o Serviço de Finanças do seu concelho." ■



Um 'Tollan' de 4 rodas

Lembram-se do navio Tollan que há anos encalhou no estuário do Tejo e lá ficou por muito tempo? Pois é, aqui bem perto da nossa Redacção, na Rua 62, está, há mais de meio ano, "encalhado" um carro (que a gravura documenta). A relva já cresce, viçosa, por debaixo, e até tem um bloco de cimento à frente, não vá o bólido arrancar sozinho. Serve este apenas como exemplo, pois muitos outros, de marcas e modelos diferentes ou iguais, estão por aí "encalhados", roubando espaço aos que mexem... ■

Afinal havia outra...

...outra verba de obras a mais para o edifício da ex-Escola da Rua 23. No nosso último número noticiámos, baseados em fontes camarárias, que essa verba ascenderia a 1.040.883\$00. Na realidade, ela é de 3.789.735\$00, o que é substancialmente mais. E assim continua o interminável fadário dos familiares "trabalhos a mais"... ■

Construção de adereços

A CME vai promover no dia 18 de Fevereiro um workshop de construção de adereços dirigido aos elementos dos grupos de teatro, educadores e alunos de Arte das escolas secundárias. Este workshop será orientado por Raul Constante Pereira, especialista em construção de adereços e cenografia, e dá continuidade às iniciativas que a Câmara tem vindo a promover para apoiar os grupos de teatro do concelho.

As inscrições devem ser feitas no Departamento de Desenvolvimento Local da CME, sendo o seu número limitado a vinte. ■

Formação em informática

No âmbito do projecto de formação, o PRUM dinamizou uma acção de formação na área da informática com aplicação no contexto escolar. A referida acção teve lugar na E.B. 2/3 Domingos Capela, tendo tido a sua conclusão na passada 2.ª feira. Nela participaram os professores do ensino pré-escolar e 1.º ciclo das Escolas da

Marinha 1 e 2, assim como um grupo de oito professores da Escola onde se realizou a acção.

Esta acção revestiu-se de grande pertinência, uma vez que pretendeu capacitar os professores em áreas actualmente consideradas como vitais, permitindo ainda o acesso às novas tecnologias da informação. ■

Uma correcção

Na nossa edição anterior, na reportagem sobre o 3.º aniversário do Centro de Convívio da Junta de Freguesia de Espinho, foi afirmado, por lapso nosso, que o Centro de Saúde havia pedido a colaboração da instituição aniversariante. Ora, a realidade é oposta. Segundo nos afirmou Manuel Osório, responsável pelo Centro de Convívio, tal colaboração foi, isso sim, pedida por si ao Centro de Saúde de Espinho. Fica feita a correcção. ■

Farmácias

Quinta, 8 TEIXEIRA - Av.º 8 - C.C. Solverde / Telef. 227340352
Sexta, 9 SANTOS - Rua 19 n.º 265 / Telef. 227340331
Sábado, 10 PAIVA - Rua 19 n.º 319 / Telef. 227340250
Domingo, 11 HIGIENE - Rua 19 n.º 393 / Telef. 227340320
Segunda, 12 GRANDE FARMÁCIA - Rua 8 n.º 1025 / Telef. 227340092
Terça, 13 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 22731148
Quarta, 14 TEIXEIRA - Av.º 8 - C.C. Solverde / Telef. 227340352

Agenda

DE 9 A 15 DE FEVEREIRO

Cinema

CASINO: 'O PROTEGIDO'
MULTIMEIOS: 'DANCER IN THE DARK'

Telefones Úteis

ESPINHO

Hospital	227331130	A. Viação Espinho	227340323
Centro de Saúde	227341167	Táxis (Graciosa)	227340010
C. R. Segur. Social	227341956	Táxis (Câmara)	227343167
Clínica Costa Verde	227345885	R. Táxis C. Verde	227340118
Clínica N.S. d'Ajuda	227342695	R. Táxis União	227348017
Clínica S. Pedro	227344714	R. Táxis Unidos	227342232
Policlínica	227342111	Táxis Verdemar	227343500
PSP	227340038		
Tribunal	227342351		
B.V. Espinho	227340005		
B.V. Espinhenses	227340042		
C.M.E.	227340020		
Biblioteca	227340698		
EDP (agência)	227348387		
EDP (avarias)	800246246		
Junta de Freguesia	227344418		
CTT Rua 19	227330631/2		
CTT Rua 32	227330661/3		
CTT (C.D. Postal)	227340010		
Registo Civil	227340599		
Finanças	227340750		
Tesouraria	227343730		
CP	227346312		

ANTA

Junta de Freguesia	227346453
Unidade de Saúde	227345810
Lar da 3.ª Idade	227344651
Farmácia	227341109

GUETIM

Junta de Freguesia	227344226
--------------------	-----------

PARAMOS

Junta de Freguesia	227342710
Unidade de Saúde	227345001
Farmácia	227346388
Reg.º Engenharia	227342023
Centro Social	227342005

SILVALDE

Junta de Freguesia	227344017
Un. Saúde Silvalde	227343642
Un. Saúde Marinha	227343101

Lua

LUA CHEIA
Dia 8 de Fevereiro

Guetim quer farmácia

A Junta de Freguesia de Guetim solicitou à Câmara Municipal o seu empenhamento no sentido de ser aberta uma farmácia naquela freguesia na sequência do estipulado na portaria n.º 936-A/99, de 22 de Outubro, que preconiza a possibilidade de abrir mais uma farmácia no concelho, conforme o "MV" já noticiou. A CME, por unanimidade na sua última reunião, decidiu apoiar a ideia da Junta de Freguesia de Guetim. ■

Idosos no Brasil

Partiu no passado dia 5 o primeiro grupo de idosos que irá gozar férias no Brasil, numa iniciativa da CME. Este primeiro grupo de cerca de 150 pessoas regressará a 17 deste mês; o segundo grupo partirá a 26, regressando a 10 de Março, o terceiro sairá do Porto a 12 de Março, com regresso marcado para 24, e o último grupo partirá a 29 de Março, com regresso marcado para 7 de Abril. ■

Foi há 60 anos...

Precisamente no dia 14 de Fevereiro de 1941, já lá vão sessenta anos, um autêntico ciclone varreu o continente português, causando avultados estragos um pouco por todo o lado. Espinho não fugiu à regra e os prejuízos foram enormes, nomeadamente no então existente Bairro da Rainha, junto ao mar, na zona piscatória de Espinho. A catástrofe ficou, naturalmente, marcada na memória de muitos espinhenses e perdura ainda em muitos daqueles que a viveram ou que dela tiveram notícia através dos mais velhos, transformando 1941 no "ano do ciclone". ■

Dr. Vitor Hugo

MÉDICO DENTISTA

SAMS - S. QUADROS - C.G.D. - ACASA - P.S.P.

Rua 19 n.º 342, 1.º - Sala 4 - Telef. 227312770
ESPINHO

Maré

DIRECTOR Nuno Barbosa
REDACTORES Abílio Adriano, Carlos Humberto Cruz, Carlos Luís Gaio, Eduarda Ribeiro, Elda Ferreira, Elisa Silva, José Barrosa, Magda Guedes, Manuela Lima Barrosa, Marta Bigall, Rafaela Vieira Santos, Sandra Santos
FOTOGRAFIA Cassiano Soares
CARTOON Carlos Alberto
COLUNISTAS Alberto F. Camacho, Antero Monteiro, António Moreira da Costa, António Teixeira Lopes, Carlos Morais Gaio, Carlos Sárria, Carvalho Baptista, Correia de Araújo, Nunes Carneiro, Rita Maia Gomes, Victor Hugo Pinho
PUBLICIDADE Eduardo Dias
ADMINISTRADOR António Gaio
REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO Rua 62 n.º 251 - 4500-366 Espinho
Telef. 227320377 - Fax 227346015 - E-mail: mare.viva@netc.pt
PRÓPRIEDADE E EXECUÇÃO GRÁFICA
NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Rua 62 n.º 251
4500-366 Espinho - Telef. 227341621 / 227344611 - Fax 227346015
N.º de registo de Pessoa Colectiva 500615268
TIRAGEM DESTA NÚMERO 1.500 exemplares
NÚMERO DE REGISTO DO TÍTULO 104499, de 28/06/76
DEPÓSITO LEGAL 2048/83

Membro da

Associação Portuguesa de Jornalistas

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, podendo não reflectir, necessariamente, a opinião do Jornal.



Dias de memória

A partir de hoje e até à próxima quarta-feira, a semana que cada edição do "Maré Viva" abrange, passam-se datas que merecem ser lembradas, por variados motivos e em variados campos. Recorrendo ao meu "canhenho de efemérides", o antepassado talvez anacrónico, mas seguramente fiável, das memórias informáticas, deparei com um facto curioso: em quase todos os dias de 8 a 14 de Fevereiro coisas importantes aconteceram nos chamados "tempos que já lá vão". Ora reparem:

Dia 8 - Em 1825, nasceu Júlio Verne. Lembra-se das "20.000 Léguas Submarinas" do Nautilus e do Capitão Nemo? Ou da "Volta ao Mundo em 80 Dias" e tantos outros livros que encheram de fantasia e de incredulidade crível muitas gerações? Pois aquele que chamaram visionista, e acusaram de uma quase delirante insanidade mental, nasceu há 176 anos e ainda hoje é lembrado e, se calhar, lido e relido por muita gente. O submarino, as viagens à Lua e ao centro da Terra e muitas outras quimeras (à época) são hoje coisas conseguidas. Com que então, visionista?

Dia 10 - Em 1898, há 103 anos, nasceu na Alemanha o dramaturgo Bertolt Brecht. Autor de peças de teatro que eram alvo de inestimáveis ódios dos lápis azuis da censura portuguesa (e não só) pré-25 de Abril, Brecht foi fonte incessante de encenações e representações dos muitos grupos de teatro portugueses, uns libertados, outros iniciados após a Revolução. Referência incontornável das letras do século passado (não se esqueçam que já estamos no século XXI) com projecção mais que certa para este, ainda a gatinhar.

Dia 11 - Nelson Mandela, dirigente do ANC e até há pouco tempo presidente da África do Sul, foi libertado em 1990, após 27 anos de prisão. Um record nada invejável, mas o exemplo da dedicação a uma luta tenacíssima contra o "apartheid", uma das mais maquiavélicas invenções do século XX. Fonte de inspiração para uma boa dose de músicas, ditas da negritude, Mandela, "The Great Mandela", teve nesse dia, há 11 anos atrás, uma recepção triunfal, transmitida, em directo, pelas televisões de todo o Mundo.

Dia 12 - Em 1809 nasceu Charles Darwin, autor da célebre "A Origem das Espécies", em que nos punha, correctamente, a nós, humanos, como fruto da evolução do macaco. Choveram as críticas, os "cartoonistas" da época ridicularizaram-no forte e feio, mas o bom do Darwin, inteligentemente, riu-se dessas "macaquices". Fez ele bem.

Dia 13 - Neste dia, em 1965, foi assassinado pela sinistra PIDE em Villanueva del Fresno (Espanha) o General Humberto Delgado. Quanto a esta efeméride, remeto o leitor do "MV" para a página 5 desta edição. É mesmo ao virar da "esquina"...

Dia 14 - Em 1919, é restaurada a República no Porto, após a aventura de Paiva Couceiro que ficou conhecida como "Monarquia do Norte". Para além disso, de há alguns anos a esta parte, e fruto do consumismo, alguns comerciantes celebram o "Dia dos Namorados" ou de S. Valentim, se preferirem.

Que semana mais cheia de recordações para a memória dos homens, aqueles seres descendentes do macaco, não é? ■ N.B.

Oferta da Liga dos Amigos

Novo equipamento para o Hospital de Espinho

Foi na passada quinta-feira que a Liga dos Amigos do Hospital Distrital de Espinho (LAHDE) fez a entrega de novo equipamento para o Hospital, que consta de sete colchões anti-escaras e um elevador (transfer de camas). Na cerimónia estiveram presentes o dr. Ferreira de Campos, director da LAHDE, outros dirigentes da Liga, a principal enfermeira-chefe e alguns médicos daquela unidade hospitalar.

O "MV" assistiu à demonstração do novo equipamento, a qual esteve a cargo da enfermeira chefe, que, à medida que o ia mostrando, explicava a utilidade do mesmo.

Ouvido pelo nosso jornal, o dr. Ferreira Campos referiu que "a dívida da saúde é o que é, mas fomos manifestada a necessidade, o desejo do Hospital de Espinho em adquirir determinado equipamento relativamente ao qual, por vezes, não há resposta atempada ou nem sequer resposta há; daí que esta acção da Liga tenha sido muito importante e fundamental para a aquisição deste tipo de equipamentos". O presidente da direcção da LAHDE acrescentou ainda que "o Hospital, através do seu director, já redigiu um pedido de um novo e determinado equipamento para o bloco operatório que é fundamental, porque os equipamentos não duram eternamente e, à medida que os anos vão passando, vão-se degradando, como é óbvio, precisando de ser substituídos porque alguns deles

já foram, inclusive, reparados algumas vezes e cada reparação custa uma larga centena de contos. É com muito agrado e prazer que oferecemos este equipamento, que é constituído por sete colchões anti-escaras, cujo objectivo é prevenir as chagas resultantes de acamamentos prolongados, e um elevador que vai permitir transportar os doentes da cama para qualquer lado, mesmo aqueles que são mais pesados e que

têm de estar numa determinada posição".

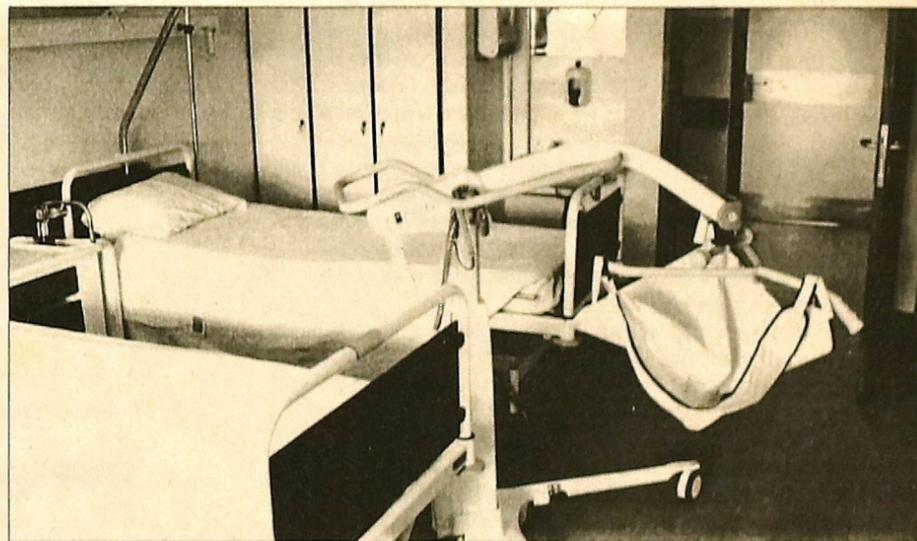
AJUDAR OS UTENTES

Segundo o dr. Ferreira Campos, esta é uma altura em que a Liga está muito virada para o sector dos equipamentos porque o importante é servir e ajudar os utentes do Hospital o melhor possível, beneficiando, ao mesmo tempo, o bem-estar e o conforto desses mesmos utentes. Sobre isto, revelou saber que "o Hospital recebeu uma verba da Fundação Calouste Gulbenkian para adquirir um complemento de uma peça que dá muito jeito (não quer dizer que seja imprescindível mas para determinado tipo de cirurgias é importante) no caso dos problemas das hérnias disciais".

Interrogado sobre os projectos futuros da Liga

dos Amigos, o dr. Ferreira Campos afirmou-nos que, "para já, não temos nada de especial programado, mas vamos estando atentos às necessidades do Hospital e estamos muito sensibilizados para ajudar a sociedade com este tipo de iniciativas. Contudo, e a título de exemplo, a Liga já adquiriu equipamento apropriado para que a roupa da cama não pressione ainda mais os calcanhares dos doentes".

Assim, pode dizer-se que o Hospital tem usado várias vias de financiamento para além dos dinheiros públicos, e, com a ajuda de todos, esta unidade hospitalar cumpre a sua missão e está equipada o melhor possível no sentido de servir cada vez mais e melhor não só a população de Espinho mas também todos os que dão entrada naquela unidade hospitalar. ■ E.S.



O elevador transfer, mais uma oferta da Liga dos Amigos para o Hospital

Maré

ASSINATURAS EM PAGAMENTO

O preço das assinaturas anuais do "Maré Viva", que estava em 2.800\$00, sofreu um ligeiríssimo aumento, passando a ser de 3.000\$00. É, na realidade, uma "migalha" que até vem arredondar as contas. Estamos certos de que os nossos assinantes compreenderão. As assinaturas referentes a 2001 estão já em pagamento.

HORTO DA JU

Josefina Dias da Costa Miranda

14 de Fevereiro
Dia
dos
Namorados



Flores naturais e secas • Arranjos
Ramos de todos os tipos • Plantas
Enfeites para festas, etc.

RUA 31 N.º 887 - 4500 ESPINHO - Tel. 227310707

Lia do Amaral

LICENCIADA EM DIREITO • SOLICITADORA

Com atendimento de 2.ª a 6.ª feira
das 9 às 13 e das 14 às 18 horas, com marcação

Rua 23, 344, 1.º, Sala E - 4500 Espinho - Tel./Fax 227321433



A. MOREIRA DA COSTA

O amigo americano

Ora aí estamos nós a braços com mais uma prenda do amigo americano.

Resolveram, unilateralmente, sem qualquer mandato internacional, que não o da sua própria arbitrariedade e capricho, para defesa dos seus mais obscuros e inconfessos interesses, lançar uma guerra suja, de agressão descarada, contra um País soberano. Arrastaram para ela, voluntários ou à força, os seus aliados/escravos da NATO. Usaram, para testar a coisa, munições à base de urânio empobrecido (UE), com o qual contaminaram profusamente o terreno, disparando com liberalidade em todas as direcções, sobre alvos mais ou menos pretensamente militares e civis.

Depois, foi a ocupação do terreno pelas forças terrestres dos aliados/escravos, quais corpos auxiliares de tribos bárbaras germânicas e outras, empregues por Roma para acabarem o trabalho iniciado pelas vitoriosas e altivas legiões: o trabalho sujo, entenda-se, de subjugar e vergar as populações vencidas, de as humilhar, aniquilar a sua identidade nacional, normalizar segundo os padrões vigentes na mente dos administradores imperiais.

O pretexto foi puramente inventado: o massacre de três milhões de albaneses, depois reduzidos para 300.000, acabou, a contar por cima de pouco mais de dois mil. De qualquer modo, era bom, para acabar de vez com esse monstro do Milosevic e de todos os outros ics da Sérvia, que estavam fartos de massacrar os pobres dos muçulmanos, que têm tanto direito a viver como os outros. Estes, que são os muçulmanos bons, os nossos amigos, pacíficos, honestos, trabalhadores e tementes a Alá, que não os sarnentos e piolhosos palestinianos, ou iraquianos, ou sírios, ou líbios ou sudaneses ou outros

“Estamos agora, nós próprios, confrontados com a amizade dos nossos amos de além-Atlântico, quando vemos chegar os nossos soldados a morrer aos bocados, a caírem como tordos...”

quaisquer, que não reconhecem a filosofia de vida, de prosperidade, de liberdade e de global brotherhood of man, que é o valor supremo do amigo americano.

Que o digam os palestinianos, ajudadíssimos pelo Tio Sam na sua luta mais que justa contra o poder gangsterista de um estado terrorista que dá pelo nome de Israel, que os expulsou das suas próprias terras e casas, que os força a viver em condições abjectas de insalubridade em ghettos inadmissíveis na sua própria pátria. Que o digam, também, os Índios da América do Norte, Centro e Sul, fartos de serem ajudados pelo amigo americano, que tanto tem feito para conservar, já não digo as suas tradições, cultura e meios de subsistência, mas até, e fundamentalmente, a sua própria existência física. Ou então os curdos, que são protegidos do diabólico Saddam Hussein, enquanto estão no Iraque, mas são deixados à sua triste e violenta sorte, para serem massacrados, torturados, esfaqueados e outras coisas terminadas em ados e idos, quando estão do lado da Turquia, fiel aliado/escravo, fiel corpo auxiliar do império.

Estamos agora, nós próprios, confrontados com a amizade dos nossos amos de além-Atlântico, quando vemos chegar os nossos soldados a morrer aos bocados, a caírem como tordos, não envenenados pelas radiações de Chernobil, mas pelas que emanam das munições usadas pelos nossos amos e senhores nas suas experiências bélicas contra povos semi-indefesos, tão miseráveis quanto nós, que apenas andamos iludidos pelo facto de sermos admitidos como corpos auxiliares do império, interpretando esse facto como uma promoção na escala social, tal como o grumete que passa a contra-mestre ou o paquete que passa a manga-de-alpaca.

Não nos damos conta de como somos escarnecidos pelo amigo americano, que numa das suas revistas de grande tiragem, a "Newsweek", alfineta a Rússia post-comunista pela sua má performance económica, afirmando que nem sequer consegue chegar ao nível de Portugal. Somos o bobo da corte e rimo-nos todos contentes. Vamos arder e apodrecer, aos bocados, para o Kosovo, e ficamos atentos, veneradores e obrigados. Quem tem amigos destes, não precisa de inimigos. Como diz um amigo meu: "Que Deus me defenda dos amigos, que com os inimigos posso eu bem...". ■



ALBERTO CAMACHO

Anúncios

É no sofá da minha sala que asilo a preguiça. É o meu local de refúgio, confessionário, espaço de reflexão, remédio tranquilizante e pasto de longas sonecas. É lá que, tantas vezes, meço as coisas, peso as distâncias, enfrento a história e, às vezes, prometo-me amanhã diferentes...

A última estadia no retemperador sofá da minha sala levou-me ao encontro da edição natalícia do "Maré Viva" e ao exercício da investigação estatística sobre a evolução de Espinho. Como se pode apreciar, o meu sofá aguçame o engenho e faz-me um ser importante, que até fala de investigação e estatística...

A presunção é como a água-benta, dirá o leitor, que, desconfiadamente, iniciou a leitura desta prosa pachorrenta, com sabor a sesta de fim-de-semana. Como é que alguém, mesmo possuidor de dotes adivinhos, pode avaliar o crescimento de uma terra atra-

vés da edição de um jornal?

A metodologia que elegeri é simples: fui ao jornal e contei todos os anúncios que a edição continha. Eram 126. Depois, separei cada um deles por ruas. A minha intenção era saber se, quarenta anos depois, a geografia comercial tinha mudado com o crescimento da cidade, se, de facto, o coração do negócio local se tinha alterado. É perfei-

tamente natural que a evolução de uma terra conduza a alterações profundas na estrutura da sua actividade comercial. Da minha análise, aqui vão os números, em percentagem, relativos à distribuição do comércio espinhense pelas diversas ruas e no âmbito dos anúncios publicados numa única edição do "Maré Viva": Rua 19 - 22%; Rua 23 - 12%; Rua 14 - 9%; e Rua 16 - 6%.

Depois de meditar sobre a frieza dos números contados e recontados, chega-se à conclusão que metade do comércio espinhense está localizado onde sempre esteve, isto é, numa área compreendida entre as Ruas 19, 23, 14 e 16, como acontecia faz quarenta anos...

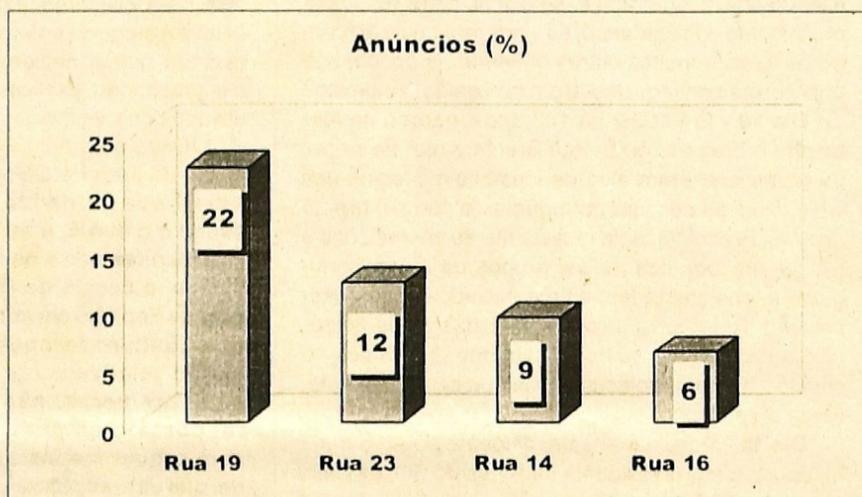
Admito, sem custo, algum surrealismo nesta abordagem e logo nas suas conclusões tiradas sobre o

meu sofá de estimação. Mas não deixa de ser interessante verificar que o coração comercial de Espinho continua a bater no mesmo espaço e é lá que estão os detentores do comércio mais próspero, os que investem na publicidade, os que a população mais visita.

O crescimento vertiginoso da cidade para nascente não teve influência significativa na esfera comercial que, embora não sendo muito poderosa, continua a residir nas ruas mais nobres de Espinho.

Continuo a minha sesta monótona e pacífica como Espinho continua, por certo, a sua marcha através do novo século. O Carlos Moraes dizia que, quando se estava longe, até a leitura dos anúncios era interessante. Para o que me havia de dar... ■

Lisboa, Janeiro/2001



De vez em quando



CARLOS SÁRRIA

O que é hoje verdade...

1. Dizia-se que o inventor da célebre máxima "o que é hoje verdade, amanhã é mentira" foi o dr. Pimenta Machado, enquanto dirigente do clube vimaranense - o Vitória.

2. Há tempos, sentado num consultório médico, concluí que não terá sido bem assim. De facto, na parede, deparei com um quadro, reprodução de um azulejo bem bonito, representativo de uma personagem bem co-

nhecida da nossa História.

3. Na verdade, lá estava Egas Moniz, de corda ao pescoço, acompanhado da família, ajoelhando perante o Rei Afonso VII, de Leão, dado que o seu amo e pupilo, o nosso primeiro Rei, D. Afonso Henriques, não cumprira uma promessa/compromisso.

4. Quer dizer, o nosso D. Afonso já tinha inventado "o que hoje é verdade..." e, portanto, se a paternidade não poderá, assim, ser atribuída ao dirigente desportivo, veio pelo menos da mesma procedência, isto é, Guimarães.

5. Mas, dirão, a que propósito vem isto? É fácil explicar. Afinal, proliferam neste torrão que o D. Afonso andou a conquistar aos mouros, qual praga difícil, ou mesmo impossível de exterminar, um sem número de cultores directos daquela máxima, tornando-a prática diária, com inaudita desfaçatez.

6. Grassa em todos os sectores, mas com ampla aplicação na política e no desporto, com uma sem vergonha de estarrecer, como aliás são exemplo, entre tantos outros, o caso do urânio empobrecido, da BSE, das promessas incumpridas, etc., etc., pois, basta ler a Imprensa, ouvir a rádio ou ver a televisão para, tantíssimas vezes, concluirmos que "o que

hoje é verdade..."

7. E dizem hoje o que desdizem amanhã com a mesma cara, sem um pingo de vergonha, impávida e serenamente, se isso for conveniente aos fins que objectivam.

8. O mais grave, ainda, é que tal comportamento não devia ter lugar em sociedades democráticas, em estados de direito, onde se exige transparência, coerência, de forma a credibilizar-se as instituições e quem as serve.

9. D. Afonso Henriques ainda teve para lhe salvar a face um homem íntegro (hoje seria considerado um lírico ou um trouxa). Mas Egas Moniz já não haverá muitos e, para colmatar as brechas que os seus seguidores abrem todos os dias, seria preciso um exército deles.

10. Realmente, parece um problema grave, sem solução, com tendência para piorar, de tal ordem são os interesses que se sobrepõem à cultura da verdade, da transparência, do carácter, da idoneidade, da honestidade, da verticalidade, da nobreza, etc., etc., nos dias de hoje, pelo que, no zig-zag quotidiano para alcançarem os seus fins, os cultores de tal máxima ("o que é hoje verdade...") continuam na maior: basta vermos as cenas dos próximos capítulos. ■

HUMBERTO DELGADO FOI ASSASSINADO HÁ 36 ANOS



DR. FERREIRA DE CAMPOS

“Conheci o assassino de Delgado”

São passados 36 anos sobre o assassinato do General Humberto Delgado. Este facto traz-me à memória e ao pensamento duas ordens de considerações.

Uma de carácter muito pessoal, envolta em sentimentos de muita saudade de tempos da minha juventude passados nessa terra maravilhosa que foi a antiga Província de Goa. Corria o ano de 1957 ou 1958, já não me lembro bem (parti para Goa como Aspirante a Oficial Miliciano em 27 de Janeiro de 1957 no navio mercante “Rovuma” e regresssei a Portugal, de avião, em Agosto de

1958), e nesse tempo eu conheci o assassino comprovado do General Humberto Delgado, o Casimiro Monteiro. Nunca falei com ele, mas vi-o várias vezes no quartel onde estava instalado, em Navelin, a escassos quilómetros da cidade de Margão. Aparecia por lá, armado de pistola metralhadora, acolitado por um bando de naturais de Goa, que se reconheciam pela cor da pele e pelo desalinho e desleixo das suas fardas, e porque se apresentavam, claramente, como capangas e protectores do seu “Chefe”. Nessa altura, o Casimiro Monteiro tinha claramente um estatuto especial, tolerado ou tacitamente aceite pelo Governador de Goa, se não mesmo pelo Estado Maior das forças militares portuguesas. Tinha a fama, e certamente o proveito, de ser implacável para com os movimentos de emancipação ou de integração de Goa no Estado Indiano. Falava-se, à boca cheia, de que era o res-

ponsável pela eliminação física sumária daqueles que se opunham à presença portuguesa em Goa. O olhar duro, a tez morena e queimada, e tudo o que envolvia a sua presença, fazia as pessoas acreditarem que se estava na presença de um assassino profissional. Era suptostado que já nessa altura estava por qualquer forma ligado à PIDE e que as estruturas da PIDE comandavam os seus passos. Por isso, quando li nos jornais, pela primeira vez, que as balas que assassinaram o General Humberto Delgado foram disparadas pelo Casimiro Monteiro, não me admirei nada: ele já estava habituado a matar!

As eleições “do Humberto Delgado”, como passaram a chamar-se aquelas a que o General concorreu, tiveram lugar escassas semanas antes do meu regresso de Goa. O General venceu-as, moralmente. E digo “moralmente” porque toda a gente sabia

que, com o recenseamento que então se fazia, e pela forma como se fazia, o universo eleitoral não representava minimamente a vontade do todo nacional. Uma grande parte dos portugueses que o apoiavam, pura e simplesmente, não estavam recenseados. A outra razão, e também não menos importante; eram as dificuldades que se punham à Oposição para fazer uma campanha totalmente livre ou para fiscalizar livremente o acto eleitoral. Anos mais tarde, quando me atrevi a fiscalizar as eleições de 1969, nem uma cadeira me deram para me sentar na assembleia de voto, instalada no átrio da nossa Câmara, tendo ficado todo o dia de pé, encostado a uma coluna para não me cansar tanto...

O General Humberto Delgado foi, acima de tudo, um Homem de uma grande coragem cívica e moral. O “OBVIAMENTE, DEMITO-O!” dirigido a Salazar foi um

grande murro na mesa dado por um grande patriota, e um grito de “O rei vai nu”, assim entendido por todos os opositores e pelo próprio regime da ditadura que, perante o entusiasmo e a galvanização popular, se viu obrigado a alterar as regras do jogo e a Constituição, para que a eleição para a Presidência da República passasse a ser feita, indirectamente, por um passivo, servil e desacreditado Colégio Eleitoral, composto por deputados e representantes das Corporações.

O General Humberto Delgado venceu moralmente as eleições atacando o sistema e o regime “por dentro”, com as armas que lhe possibilitavam o desacreditado sistema eleitoral. Não obstante isso, e por isso mesmo, passou a ser miserável e despuadoradamente perseguido e teve de fugir da sua Pátria, em condições aliás aviltantes e vexatórias para o regime. Julgo, todavia, que foi também a mesma cora-



gem despreendida do General Delgado que contribuiu para o seu assassinato. Com a Oposição dividida em Portugal e no estrangeiro, ele era, nos últimos anos da sua vida, um homem só, corajoso mas... só, romântico e crédulo. Só assim se pode compreender que tenha tão infantilmente caído na cilada que a PIDE lhe montou.

Mas, apesar disso, ele permanecerá sempre no imaginário português dos últimos anos da ditadura como o Homem que mais ousou e conseguiu, pela espectacularidade da sua acção e do seu temperamento, com uma notável coragem e determinação, assustar e fazer tremer o desacreditado regime que oprimia os nossos anseios de liberdade e de democracia. ■

Manifesto de Paris

Ao Povo Português

Há um ano o General Humberto Delgado era raptado em Espanha (Badajoz) e depois assassinado à traição pelos sicários da PIDE junto da fronteira portuguesa ou em Portugal, onde ia em missão revolucionária. Esta morte em combate foi o termo heróico de uma vida que decorreu toda ela no ardor da luta desde o momento em que o General Humberto Delgado compreendeu e abraçou a causa do Povo.

Essa luta que o levou à morte é um exemplo que não morre. Luta incessante, luta perigosa, em que empenhou tudo quanto tinha e quanto era, em que se deu inteiro. Luta que acabou, para ele, na morte, porque só podia acabar nela ou na vitória. O General Humberto Delgado nunca conheceu o exílio fácil, nunca se adaptou, nunca se resignou, nunca adiou, nunca deixou ao futuro ou a outros a solução do problema mais urgente de Portugal, que é a expulsão dos usurpadores fascistas. Teve constantemente em vista a acção. As suas palavras não serviam para entreter, adormecer ou iludir: atingiam o alvo com precisão e vigor. Palavras que fizeram tremer o poder fascista, palavras de um “homem sem medo”!

O General Humberto Delgado morreu. Os seus assassinos estão vivos e impunes deste e de outros crimes que há anos vêm cometendo nas pessoas de lutadores anti-fascistas das mais variadas tendências e correntes políticas. Uma oligarquia de polícias e exploradores continua a ocupar o nosso território. As prisões estão repletas de presos políticos; a imprensa continua amordaçada, os escritores são cada vez mais reduzidos ao silêncio. Enquanto isto suceder, a honra de cada português está maculada perante o mundo.

É dever nosso exigir que os criminosos às ordens de Salazar prestem contas à justiça e ao povo do assassinato do General Humberto Delgado; é dever nosso fazer a luz sobre este e outros actos criminosos; é dever nosso impedir que o silêncio se torne cúmplice deste crime. O sangue do General Humberto Delgado e o de outros anti-fascistas assassinados e torturados só será resgatado no dia em que Portugal for restituído aos portugueses, eliminando-se de uma vez para sempre o poder policial que forçou tantos ao exílio e que força muitos mais a serem estran-



geiros na própria pátria.

O sangue dos mortos é fecundo e o povo não morre. Cada crime cometido exige uma nova justiça. Cada morte multiplicará os combatentes. A luta não cessará enquanto Portugal estiver usurpado. Os ditadores passam e o povo fica. A ele caberá a vitória final.

Paris, 13 de Fevereiro de 1966

Assinam, entre outros, António José Saraiva, Emídio Guerreiro, José Augusto Seabra e Virgílio Lemos.

in “Memórias de Humberto Delgado”, pub. D. Quixote, 1991

“Obviamente, demito-o!”

A campanha de Delgado iniciou-se a 10 de Maio de 1958. (...) Através de “uma campanha de ar livre, de rua, nada de salões à maneira nacional” (Artur Andrade, cit. in M. Beça Múrias), propondo-se, linearmente, demitir Salazar caso fosse eleito - o célebre “Obviamente, demito-o!” lançado na conferência de imprensa do Clube de Ouro, acusando de forma directa e sem subterfúgios o regime e o seu pessoal político - “Vão-se embora! Vão-se embora!”, gritar-lhes-ia no comício do Liceu Camões - fazendo face, com notável coragem física, às provocações policiais de que ele e os seus apoiantes eram alvo, o general Delgado ganhou, de repente, uma extraordinária popularidade de norte a sul do país, num fenómeno singular e sem precedentes, se atendermos à existência da censura na informação. (...) No regresso da sua triunfal visita ao Porto, a 14 de Maio, em que, para surpresa geral e estupefacção do Governo, é aclamado por centenas de milhares de pessoas na baixa portuense, os jornais já impressos com as fotos da manifestação são apreendidos à última hora, o povo lisboeta prepara-lhe, em Santa Apolónia, a 16 de Maio, uma recepção idêntica. A polícia impede o general de seguir o seu percurso pela Baixa, coberta por um mar de gente. Forma-se uma enorme manifestação que é reprimida ao chegar ao Rossio. Os combates de rua prolongam-se pela noite dentro. (...)

Nos arraiais do Estado Novo a campanha eleitoral, propriamente dita, não contaria quase nada. Mais importante foram a repressão às manifestações e a ocupação militar de Lisboa e Porto; as instruções à Censura, as provocações e proibições policiais contra a candidatura de Delgado, os assaltos às suas sedes, a prisão repetida e a intimidação dos seus responsáveis, a fraude eleitoral generalizada, pronta e detalhadamente denunciada pelo General nos dias imediatos à divulgação dos resultados oficiais: 76% para Tomás e 24% para Delgado, no continente e ilhas; em Angola e Moçambique, o apuramento oficial indicou para Humberto Delgado, respectivamente, 31,7% e 30% dos votos.

in “História de Portugal”, Fernando Rosas

Contrariamente aos restantes municípios da AMP

Cemitério de Espinho sem problemas

Na passada semana, o "Jornal de Notícias" publicou uma reportagem sobre os cemitérios da Área Metropolitana do Porto (AMP). Nessa zona, na sua maioria, os cemitérios estão superlotados e sem soluções imediatas à vista. Nesse mesmo trabalho, não figurava o caso de Espinho, um dos nove municípios integrantes da AMP. Por isso, para nos inteirmos sobre o caso concreto da nossa cidade, falámos com o vereador da CME, Manuel Rocha.

Manuel Rocha começou por nos descrever, sumariamente, o esquema do cemitério municipal: "Está distribuído por jazigos particulares, vala comum, vala comum para crianças e o conjunto dos ossários, num total de 55 jazigos-capela, 14 jazigos subterrâneos, 767 sepulturas, 600 sepulturas na vala comum (20 das quais particulares) e 15 sepulturas livres. Na vala comum para crianças existem 70 sepulturas, 44 delas livres. Quanto a ossários, são, ao todo, 586".

Segundo o vereador, o

cemitério de Espinho está limitado ao espaço que tem, não havendo qualquer possibilidade de alargamento. No entanto, isto não constitui problema de superlotação, uma vez que "na vala comum temos 15 sepulturas livres mas, a qualquer altura, temos mais, pois, de tempos a tempos, há secções da vala comum que ultrapassam o prazo de enterramento, originando mais sepulturas livres".

Outra forma de solucionar a falta de sepulturas é, tal como refere Manuel Rocha, "ficamos de novo com aquelas que os particula-



Cemitério de Espinho para já sem problemas de maior

res não querem. Das 20 sepulturas particulares, quando os proprietários não as querem, não as podem vender. Nesta situação, a Câmara fica com a sepultura para a trocar com as que em tempos foram vendidas e substituí-las, de modo a libertar a vala

comum".

Quanto à impossibilidade de alargamento, o vereador salienta que "nunca tivemos problemas de enterramentos. No cemitério estamos em processo permanente de levantamento de secções, o que nos permite libertar mais espaços".

NAS FREGUESIAS

Quanto à situação nas freguesias, falámos com Américo Castro e Boaventura Moreira, respectivamente presidentes das JF's de Paramos e Anta. Tentámos, igualmente, contactar os presidentes de Guetim e Silval-

de, mas, por motivos vários, tal não nos foi possível. Américo Castro referiu-nos que "o cemitério de Paramos não está superlotado, tendo até bastante disponibilidade. Há três anos atrás comprámos um terreno e temos procedido a um alargamento gradual do cemitério. Temos capacidade para umas dezenas largas de anos".

Boaventura Moreira, presidente da JF de Anta, explicou-nos que "temos actualmente dois cemitérios: um antigo e uma parte nova, cujo projecto foi feito pela CME e está agora a ser realizado. Quanto ao antigo, estamos a tentar recuperar alguns problemas, como campas encostadas. Para isso, temos aconselhado as pessoas a fazer muros de suporte entre as campas".

Por esta breve amostragem se pode constatar que, contrariamente ao resto da AMP, a situação de Espinho neste aspecto ainda não apresenta grandes problemas. ■ S.S.

14 de Fevereiro, Dia dos Namorados

'All you need is love'

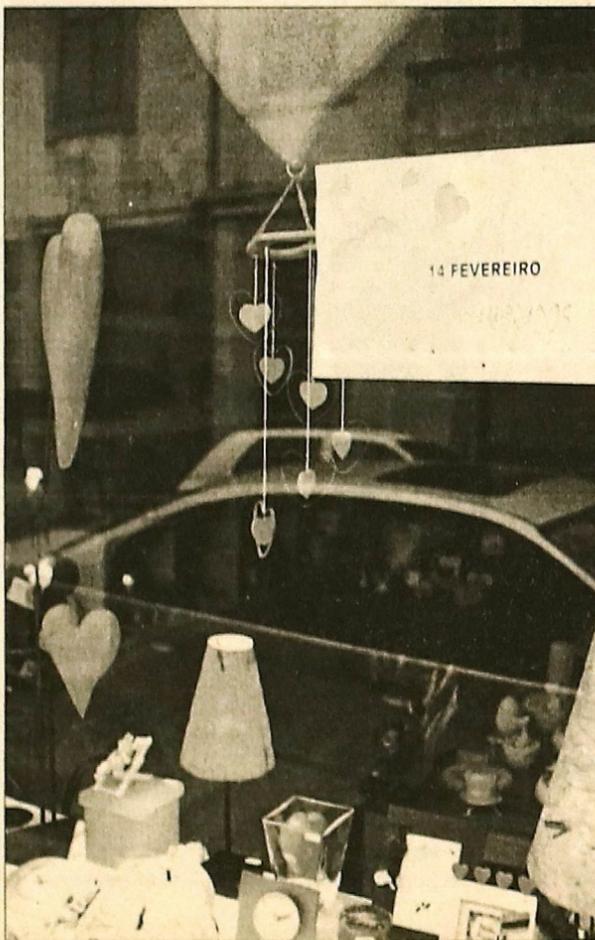
É já na próxima quarta-feira que se comemora o Dia dos Namorados. É um dia festivo dedicado aos casalinhos, e, para assinalar a data, as montras dos estabelecimentos comerciais enchem-se de cupidos e corações, no sentido de as pessoas não se esquecerem de, materialmente, marcar o dia e até de complementar um pouco o seu sentimento.

Chocolates, jóias, perfumes, peluches, música, flores... ou até simples palavras, muitas são as maneiras de demonstrar o amor, até porque, como é costume dizer-se, "o que conta é a intenção".

Actualmente, e para assinalar o Dia de S. Valentim, é habitual oferecer-se um presente à cara-metade, presente esse deixado inteiramente à imaginação e à criatividade de cada um. Neste dia, os casais tentam estar juntos e esquecer o mundo, pois trata-se de uma data dedicada ao sentimento que os une, o amor...

Se o presente é ou não o mais importante, isso fica

ao critério de cada um, mas, quando a pergunta é feita aos comerciantes, a opinião acaba por não surpreender. O "MV" visitou o Horto Fernanda, como "à moda antiga", e, "numa de lhes dar música", foi até ao Estúdio 4 - flores e música, dois dos presentes mais apreciados para oferecer no Dia dos Namorados. Quanto às flores, as rosas vermelhas são as mais escolhidas; contudo, foi-nos dito que "vendem-se ramos pequeninos, até porque os namorados são ainda gente nova". Já no que respeita à música, Paulo Alves, do Estúdio 4, refere que "ven-



de, ao Dia dos Namorados, romântica, mas essencialmente música de que homem ou mulher gostam, independentemente de ser ou não romântica". Questionado sobre se a música é uma boa maneira para demonstrar amor, respondeu que "há palavras que se querem dizer à pessoa amada e não se consegue, e a letra da música pode fazê-lo por si só".

Em termos gerais de vendas no Horto Fernanda, foi-nos dito que "em todas as festas vende-se mais um bocadinho, e esta é uma delas". Em contrapartida, no Estúdio 4, a opinião é que "vende-se bem, mas, por exemplo, o Dia dos Namorados é, tal como o Natal, comemorado uma vez por ano, mas, mesmo assim, não adquire a dimensão do Natal".

"NAMORADA, SÓ DEPOIS DO DIA 14"

Para além destas lojas, o "MV" abordou alguns casais e outras pessoas mais sós, que nos testemunharam o que mais conta neste dia. António Couto disse que, "como não estou à espera (aliás, nunca delnada à espera de receber em troca), a prenda deve ser comprada com amor e carinho, seja para uma

namorada ou para um amigo"; ao lado, a sua namorada, Fátima Lima, referiu: "Não é pelo presente, mas pela paixão".

Encontrámos também alguém que namora há dois anos e que vai ver este dia adiado. "Não vamos poder estar juntos, mas, quando nos encontrarmos, a paixão é que vai falar mais alto", disse-nos Susana Fonseca. Paulo Machado, por seu lado, confessou que "é a paixão que me guia e não o presente que me vai ser dado; se não fosse isso, não sei por que vivia".

Contudo, ainda há quem vá passar este dia só - a verdade é que, por exemplo, Renato Ferreira não espera encontrar namorada até 14 de Fevereiro: "Só espero arranjar uma namorada depois do dia 14 para não ter de gastar o dinheiro habitual em prendas"; mas, por outro lado, acredita que a criatividade e a imaginação deverão ser factores importantes nesse dia. Falando um pouco em amor, Renato explica: "Temos um círculo maior que é o amor e nesse círculo maior há uma inserção de variadas partes constituintes como amizade, carinho, devoção, sexo e por aí adiante". E, quanto a uma música, sugere "All you need is love", dos Beatles. ■ E.F.

Pedro Nélson de Sousa (PSD) em grande entrevista ao 'MV'

“Existe uma fractura no partido”

Foi num tom desencantado que o ex-presidente da mesa do Partido Social Democrata, dr. Pedro Nélson de Sousa, falou sobre os factos que o levaram à sua demissão. Entre outras coisas, o político afirmou que o que motivou a sua saída foram a demissão de dois elementos da comissão política do PSD, a inércia do partido e a falta de uma solução credível para as próximas eleições autárquicas.

Maré Viva: Que razões o levaram a demitir-se do cargo de presidente da mesa do PSD?

Pedro Nélson de Sousa: Tenho de ser um bocadinho redundante e não demasiado explicativo ao dar a resposta a essa pergunta. Como já tive oportunidade de explicar, houve uma série de divergências em termos de estratégia em relação à prática da comissão política. Posso acrescentar que resolvi demarcar-me com uma demissão, já que não estava de acordo com o caminho que as coisas estavam a levar.

Até para tirar dúvidas acerca da minha demissão, ela deve-se fundamentalmente a problemas que sucederam na comissão política e que acabaram por resultar numa cisão da própria comissão. As pessoas que eu considerava que eram as mais activas e com mais qualidades dentro da comissão demitiram-se justamente por causa dessas divergências. Portanto, eu achei que a comissão política, sem essas pessoas, não teria condições para cumprir objectivos essenciais.

Contudo, o senhor presidente da comissão política achou que tinha condições para continuar sem essas pessoas e, se calhar, segundo declarações que ele próprio prestou, agora até tem melhores condições para atingir os seus objectivos sem esses elementos. O que se passa é que os objectivos dele são muito diferentes dos meus.

MV: Depreendo das suas palavras que esses dois elementos que se

demitiram serão pessoas incómodas...

PNS: A conclusão é sua, mas é uma conclusão que decorre, efectivamente, do processo que desencadeou as demissões. Se o presidente da comissão política acha que está mais forte pelo facto de essas pessoas saírem, admito então que são incómodas.

A AVENIDA 'MAIA E BRENHA'

MV: O facto de o PSD ter votado favoravelmente a moção para atribuir o nome "Maia/Brenha" ao Passeio da Beira-mar constituiu uma outra divergência irreconciliável?

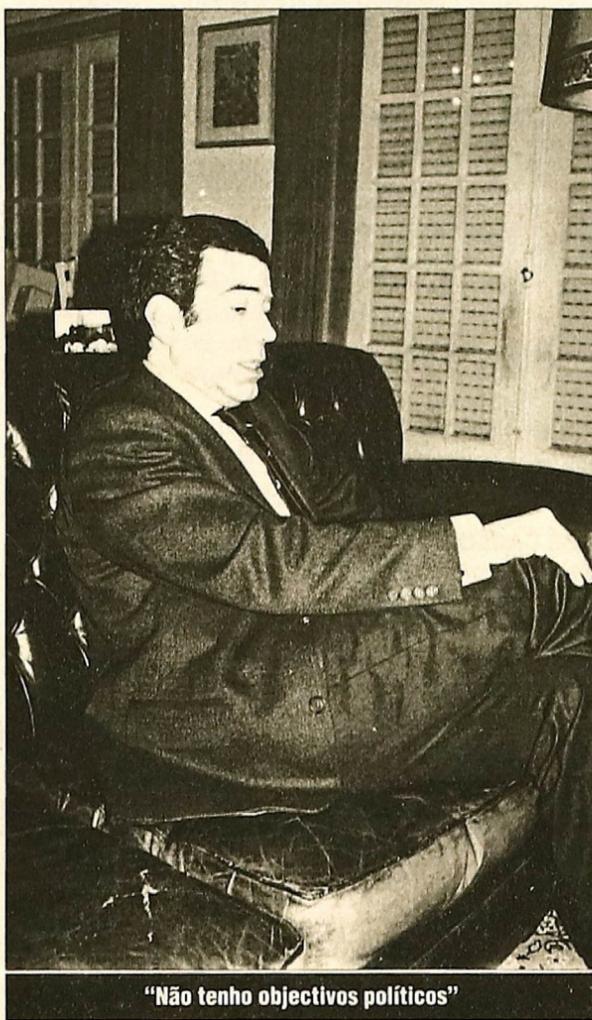
PNS: Essa é uma divergência muito grande. Não é decisiva, mas, de facto, foi uma oportunidade de o partido, através dos seus vereadores, se ter demarcado e eles terem dito que não, que não embarcavam numa medida, na minha opinião, ridícula.

Todos no PSD deveriam ter dito que não a esta proposta porque tinham motivos mais do que suficientes para o fazer. Não podiam embarcar numa homenagem deste género, que é uma coisa patética e disparatada.

Como nós somos da oposição, na minha perspectiva, a nossa função é transmitir ao povo que, de facto, temos uma maneira diferente de estar e que, se formos Câmara, temos maneiras diferentes de actuar.

MV: Acha que todos estes factos que têm ocorrido vão provocar uma cisão no partido?

PNS: A opinião que eu



“Não tenho objectivos políticos”

tenho acerca deste problema é que existe uma fractura no partido; agora, isso cabe a cada um avaliar. Aquilo em que eu sempre acreditei, e por isso é que andei três anos a dar a cara, foi que toda a gente andaria imbuída do mesmo espírito e para atingir um objectivo, que eu achava que era importante para Espinho de forma a constituirmos uma alternativa credível e forte para lutarmos pela Câmara Municipal.

Infelizmente, há opiniões diferentes relativamente ao ritmo das acções, à cadência e ao dinamismo que se deve pôr numa actividade política. Há tomada de decisões e, portanto, eu, como não estou de acordo com esse ritmo, com essa cadência e com as decisões que até agora se têm tomado, ou até mesmo com a falta de decisões que houve, entendi que se demitiram duas pessoas que ain-

da poderiam dar uma garantia que dentro da comissão política houvesse dinamismo e que dessem alguma credibilidade ao partido. Ou seja, dar aquilo que é absolutamente necessário para que o eleitorado de Espinho acredite numa boa solução que seria, obviamente, uma melhor do que aquela que têm actualmente.

MV: Acha então que com a saída desses dois elementos se vai começar a registar um marasmo no seio do partido?

PNS: Não sei se vai haver marasmo, pode até existir uma reacção positiva, dadas as críticas que foram lançadas no plenário, embora ache que não foram debatidas com a precisão que deveriam ter sido. Eu também me culpo por isso, porque achei que não valia a pena estar a aprofundar as divergências. No entanto, era importante que as divergências e suas razões ficas-

sem bem marcadas no plenário. Acho que isso foi conseguido. Quem as quis compreender, compreendeu completamente. De qualquer modo, o que pode acontecer é que, até por uma reacção às críticas que foram feitas, pode ser que o presidente da comissão política se resolva a tomar decisões muito rapidamente e justamente a ter uma reacção positiva. Se pergunta se eu acredito ou não, acho que, se houver uma reacção, será sempre uma reacção que não é a suficiente. Se eu acho que o partido tem possibilidades de atingir os objectivos que eu pensava que deveria atingir, é evidente que, se eu considerasse que tinha condições para isso, não saía. Falo porque acho que existem divergências de concepção e de prática.

Devo dizer que tem sido uma experiência muito negativa e até algo traumatizante, porque eu estou na política praticamente em comissão de serviço, porque não quero fazer da política uma actividade contínua. Não escondo que é algo que me atrai e a que sempre estive ligado toda a minha vida, acompanhando o dia-a-dia da política local, nacional e internacional, dentro das minhas possibilidades. De qualquer modo, não tenho objectivos políticos. Mesmo que eu estivesse no projecto do PSD para as Autárquicas, não era meu objectivo, nem tinha a pretensão, de pertencer a nenhuma das listas.

FALTA DE EMPENHAMENTO

MV: Não está, portanto, receptivo a ser cabeça de lista pelo PSD?

PNS: O que eu acho é que esteve uma solução em cima da mesa que era uma situação que me agradava. Simplesmente, foi tomada uma decisão e não houve empenhamento em que essa solução fosse para a frente. Depois, só com muita dificuldade é que o parti-

do consegue arranjar uma solução tão boa como aquela que esteve em perspectivas de se concretizar.

MV: Qual era essa solução?

PNS: Eu não lha vou revelar, mas, na minha perspectiva, era uma boa solução e foi mais um dos motivos pelo qual eu saí. Agora, o presidente da comissão política é que tem responsabilidade e, atendendo às circunstâncias, é porque ele está convencido que tem uma solução melhor.

MV: Passaria pela sua candidatura a cabeça de lista do PSD?

PNS: Não! Nunca tive essa pretensão! Já tive oportunidade de afirmar isso variadíssimas vezes. Não digo "desta água não beberei", mas não está no meu horizonte vir a ser candidato nestas ou em outras eleições.

Já fui sondado em outras ocasiões e, se calhar, teria melhores condições para ganhar e não aceitei devido à minha vida profissional. Teria de optar. Para se ser presidente da Câmara deve-se sê-lo a tempo inteiro... não dá para ir para fora, ao Brasil.

MV: O dr. Marques Mendes seria uma possibilidade forte para a lista do PSD para Espinho?

PNS: O dr. Marques Mendes seria uma boa possibilidade, não sei se para a Câmara ou para outro lugar. O dr. Marques Mendes é um político profissional, que leva as coisas muito a sério. Como deputado por Aveiro, eu mesmo fiquei surpreendido porque praticamente passa todos os fins-de-semana no distrito e vem a Espinho variadíssimas vezes. Já se identificou com vários problemas do concelho.

É um homem que acho que qualquer município gostaria de ter nas suas listas. Contudo, acho que há muito boa gente em Espinho que se pode candidatar, mas, se calhar, pelas mesmas razões que eu, não está disponível. ■ R.V.S.

NINHO DE AMOR

CAFÉ • SNACK-BAR • CONFEITARIA

com nova gerência

VISITE-NOS!!!

RUA 8 N.º 373 - TELEF. 227346742 - 4500 ESPINHO



TALHO RUA 15

José Teófilo S. Fonseca
Gerente

Oferecemos
qualidade
e bom serviço
com o máximo
de higiene

COMÉRCIO DE CARNES J. OLIVEIRA
Carnes frescas e fumadas

Rua 15 n.º 268 - Tel. 227321038 - 4500 ESPINHO

RESTAURANTE



Palheiro

Venha
conhecer-nos!

Encerra
às 3.ªs-feiras

Rua 62 n.º 592 • Tel. 227321453 • 4500-365 Espinho



Memórias

O 'MARÉ VIVA' HÁ 20 ANOS

RAFAELA VIEIRA SANTOS

O pão nosso de cada dia, a escola a seu dono e o país dos colibris

O "Maré Viva" decidiu prestar uma homenagem ao trabalho dos padeiros e das padarias. Por essa razão, dedicou uma página a descrever como todo o processo se realizava: "Enquanto dormimos, faz-se o pão nosso de cada dia. Só assim ele pode ser fresquinho todas as manhãs, ao café, ao leite. Enquanto dormimos, trabalham os padeiros, que o pão não cai do céu. Deitam-se com o nosso levantar, levantam-se com o nosso deitar. Passam assim anos e anos, desencontrados da gente, da família. Habitam-se, que remédio. E acabam por encontrar vantagens no trabalho nocturno: de manhã tomam-se conta dos filhos enquanto a mulher trabalha (e quando é que se encontra a mulher?), ou aproveitam-se a tarde para fazer um biscoito, tratar um bocado de terra, ir aqui e acolá. Coisas que de noite não seriam tão fáceis. Mas tudo sai do corpo, que o trabalho nocturno, mesmo habituado, custa mais. Os 25% sobre o ordenado são o prémio. Em Espinho também assim é, para fazer os 70.000 pães que a região diariamente consome".

Numa reunião camarária de há 20 anos atrás discutia-se a que entidade pertencia a Escola da Rua 23. Desfeito o mistério "após a consulta do volumoso dossier existente nos arquivos camarários, não restarão dúvidas de que aquele edifício, mandado construir por vontade expressa do Conde Ferreira, pertence efectivamente à Câmara. Isto mesmo afirma um parecer de um advogado que anos atrás se pronunciou sobre o caso, nestes termos: 'Se a Junta nunca o administrou de facto, se foi a Câmara sempre a responsável prática, então tem todo o direito para continuar a chamar a si esse cargo e privilégio'. Mas o caso deu ainda que falar porque, ao que parece, a Câmara não tem em seu poder as chaves do edifício nem saberá mesmo muito ao certo quem as detém, tantas são as pessoas e as entidades que têm agora utilizado o edifício. O caso foi a tal ponto que Ângelo Cardoso, em geral pouco rápido a propor soluções, não esteve com meias medidas: 'Vai-se lá, tira-se aquela fechadura, põe-se outra e pronto!...'".

Todas as semanas, o "MV" apresentava uma rubrica intitulada "Lusitânia", que se distinguiu pelas suas achegas bastante críticas. Cá vai um exemplo: "Vocês tiveram, por acaso, a desdita de ver aquela coisa bafienta, no domingo passado no 1.º canal, chamada 'Festival da Canção Turística'? Viram? Ah, coitados de vós... Não notaram lá a falta, à mesa, da Cilinha Supico Pinto, da D. Margarida da Cruz Vermelha, do Tomás das Barragens e da Gertrudes? Ah... Notaram!!! E viram aquela 'Carmem Miranda' do 'Canal do Panamá' a dizer que tinha tudo até a liberdade? Também viram a chilena que dizia que no país dela só havia colibris e borboletazinhas? Ah... também! E aquele destroço da Costa Rica que teve de dizer 'gracias' para anunciar que tinha acabado de 'falar'? Viram? Como vos lamento... E aquele monte de rugas, verrugas e pés-de-galinha do Brasil? E... chegal Não vos torturo mais. Até p'rá semana".

Maré-Rua

Casino e Multimeios: duas salas de cinema

O que é que acha de voltar a haver duas salas de cinema em Espinho?

M.ª DA CONCEIÇÃO FARIA 43 anos, doméstica

Eu não costumo ir muitas vezes ao cinema, porque prefiro ver filmes em casa; portanto, para mim, não faz grande diferença que haja uma ou duas salas de cinema.

Mas acredito que, para os jovens, seja preferível haver duas salas de cinema, porque, se não quiserem ver um filme, vão ver o outro.

JOSÉ CARLOS GOMES 38 anos, professor

Acho óptimo haver duas sa-

las de cinema em Espinho. E por acaso fui, esta semana, ver um filme ao Multimeios e gostei muito, porque a sala é muito confortável e o ecrã é fenomenal. Gostei muito do filme e fui lá só porque o filme que estava no casino não me interessava; ou seja, duas salas de cinema proporcionar-nos um maior leque de escolha.

ALEXANDRA MOTA 33 anos, empr. escritório

Acho muito bem que Espinho volte a ter duas salas

de cinema. Em primeiro lugar, já não gostei quando o cinema do Teatro S. Pedro fechou, porque uma cidade como Espinho pode e deve ter duas salas de cinema e, assim, o poder de escolha é maior. Para além disso, a sala de cinema do Multimeios é muito boa, porque é espaçosa, o ecrã é gigante, enfim, ali vê-se realmente bem os filmes.

PEDRO MOREIRA 44 anos, contabilista

Concordo que haja duas salas de cinema em Espinho, porque, assim, há maior variedade de escolha dos filmes e já não há necessidade de uma pessoa ter que ir a Gaia ou ao Porto e ir para um shopping abarrotado de gente para ver um filme.

SANDRA FERREIRA 21 anos, estudante

Acho que é bom haver duas salas de cinema, porque aposto que no Multimeios

vão passar filmes bastante diferentes em relação aos que passarão no casino, filmes com maior qualidade.

GUSTAVO MELO 28 anos, designer

Eu penso que é uma excelente ideia o Multimeios abrir a sala de cinema, com vários ciclos. E ficamos assim com a sala do casino como sala de cinema propriamente dita. O Multimeios é uma estrutura para acolher vários espectáculos e acho que a sala de cinema veio dar alguma vida a essa estrutura. Espero ainda que a cooperação com o Cineclube Nascente continue este ano, pois penso que foi uma excelente iniciativa no ano passado, uma oportunidade única de ver ciclos como o do Kusturica, ou de curtas-metragens portuguesas. Espero ainda que isto seja a abertura de portas a jovens da cidade inseridos nesta área do cinema e, quem sabe, outras. ■ M.G.

Como vai o negócio... ...nas lojas de festas?

Para realizar mais um "como vai o negócio?", o "MV" visitou um ramo muito recente em Espinho, mas que se encontra em ascensão - as lojas de festas. Com efeito, fomos até às duas casas deste ramo existentes na cidade - a "Parabéns", onde falámos com Isabel Serra, e a "Só Festas", onde a nossa entrevistada foi Ana Paula Costa.

As nossas inquiridas revelaram-se satisfeitas com o rendimento deste negócio, dizendo que "está bem" e "dentro das expectativas". Mesmo assim, há alguns meses do ano que não são tão bons, como é o caso de Janeiro, uma vez que "as pessoas já gastaram muito dinheiro nas compras de Natal, ficando assim sem tanto dinheiro para estas coisas". Por sua vez, os meses de Junho, Julho e Agosto são bastante bons, devido à realização de comunhões e casamentos. Os restantes meses são relativamente iguais, destacando-se apenas um pouco o mês de Dezembro. Quanto aos dias da semana, é sempre muito variável e imprevisível a afluência a estas lojas; no entanto, aqueles em que há maior frequência são o sábado e o domingo, pois, normalmente, são estes os dias de véspera das festas.

Este ramo de negócio, apesar de não estar ainda muito explorado em Espinho, já se encontra, segundo as nossas entrevistadas, "bem explorado", ou seja, "não são necessárias mais lojas deste ramo".

As lojas de festas são maioritariamente frequentadas por pessoas dos trinta anos para cima, pertencentes às classes média e alta. ■ E.R.

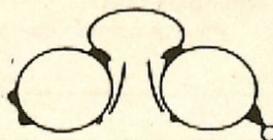


VENHA CONHECER AS CONDIÇÕES QUE TEMOS PARA SI!

SEDE - PORTO • AGÊNCIAS - PORTO e GRIJÓ
ESCOLAS - PORTO, GONDOMAR, GAIA, SANTO TIRSO e
ESPINHO (RUA 19 N.º 448 - TELS. 227340848 / 227345955)

ÓPTICA DE ESPINHO

ÓPTICA MÉDICA



INSTITUTO ÓPTICO

TESTE
A SUA
VISÃOColoque este cartão a 30cm e leia até ao fim
Se não conseguir ler até ao fim do teste logo
após a colocação do cartão
Consulte o seu médico
ÓpticoTESTE
GRATUITORUA 23 N.º 850
TEL. 227346717
4500 ESPINHO
JUNTO À PSPFILIAL
ÓPTICA DE ESMORIZ
AV. 29 DE MARÇO
TEL. 256751070
JUNTO À POLICLÍNICABom café... é
da

CASA ALVES RIBEIRO

da Rua 19, 294 - Espinho

tem fábrica própria

Fonseca

TECIDOS
MODASRUA 19 N.º 275
TEL. 227340413
ESPINHO

Clube de Cultura e do Espectador

Cultura e convívio

Surgiu recentemente em Espinho o "Clube de Cultura e do Espectador", dinamizado por Margarida Melo e Miguel Cardoso. Uma iniciativa que pretende promover actividades culturais desde passeios a pontos de interesse cultural e turísticos nacionais bem como no estrangeiro. Esta entidade está, igualmente, a organizar idas aos espectáculos e exposições no âmbito do Porto 2001 Capital Europeia da Cultura. O "Maré Viva" foi falar com Margarida Melo, um dos responsáveis por este projecto.

Maré Viva: O que é o "Clube de Cultura e do Espectador" e, como surgiu?

Margarida Melo: A ideia de criar um clube com estas características, já existia há algum tempo em projecto. Projecto esse concebido para apresentar a uma instituição cultural, onde propunha como complemento à disciplina "Livros e Viagens" (o meu curso é Literatura Comparada e sou apaixonada por livros e viagens), a componente de viagens culturais.

Apesar deste projecto ter sido aprovado, por razões imprevistas e de ordem pessoal, não o pude executar mas, esta ideia ficou em 'banho-maria' a aguardar uma oportunidade.

Essa oportunidade surgiu neste momento e conto com o apoio de Miguel Cardoso que, devido à sua experiência profissional ligada a uma Agência de Viagens dá apoio logístico a esta iniciativa.

MV: E quais são os principais objectivos deste clube, que agora surge?

MM: Em primeiro lugar proporcionar a assistência a espectáculos culturais nas melhores condições financeiras, o clube contacta com grupos (de teatro, música, dança, etc.) de forma a conseguir bilhetes a preços vantajosos.

Por outro lado, proporcionar, igualmente, a melhor compreensão do fenómeno cultural, formar espectadores conscientes, exigentes e críticos. O clube faz para os sócios sessões de explicação do espectáculo, colóquios, etc., e fornece literatura explicativa.

O clube pretende, ainda, desenvolver acções no âmbito do Património Cultural e Natural, ou seja, desenvolver acções/viagens de convívio entre os sócios no âmbito do conhecimento do Património Cultural e Natural.

Estas viagens culturais, além de estimularem o convívio e a troca de experiências e conhecimentos, proporcionam o acesso a paisagens deslumbrantes, confrontando-nos com a urgência de proteger e



Margarida Melo

salvaguardar estruturas sociais em vias de extinção como a arquitectura rural, a fauna, a flora e as culturas. Entre elas, a mais imediata, até porque pode condicionar o êxito de uma organização, é a gastronomia. Assim, a nossa preocupação de procurar restaurantes que proporcionam as genuínas refeições tradicionais de cada região em visita.

MV: E que actividades já foram realizadas, e quais as que estão planeadas?

MM: Começamos com o primeiro passeio cultural a Tormes, a 11 de Novembro, com uma visita guiada

à Fundação Eça de Queirós e um almoço querosiano na Casa do Lavrador, restaurante tipicamente rural com museu etnográfico, situado nessas magníficas terras de Santa Cruz do Douro, tão bem descritas no livro "A Cidade e as Serras". De salientar o facto de as pessoas terem gostado e difundido a amigos e familiares, daí estarmos a repeti-lo pela quarta vez. Pelo seu interesse didáctico tencionamos propor este passeio às escolas.

Outros passeios estão a ser realizados, a Constância/Almorol, à Corunha e Santiago de Compostela. Também a Barcelona, Ma-

drid e Bilbao em Abril/Maio, e, em Setembro, Moscovo, porque são cidades com um grande número de museus e monumentos a visitar.

No que toca ao Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, a organização é diferente. Levamos grupos para assistir aos espectáculos, concertos e exposições. Entre elas já fomos ver a que está patente em Serralves. Quanto a outros espectáculos, temos programada uma ida a Lisboa para ver o espectáculo de Filipe La Féria, "Amália", no Politeama, no próximo dia dez de Fevereiro. Estão ainda programados outros, em princípio, para Abril.

UMA BOA IMPRESSÃO

MV: E quanto à adesão por parte das pessoas?

MM: Estamos a dar os primeiros passos. Mas, para já, temos constituído os grupos mínimos para os espectáculos. Quanto aos passeios temos necessidade de os repetir o que demonstra que um só grupo não é suficiente.

MV: Como explica essa adesão, quais os factores que a possam justificar?

MM: Há dois tipos de grupo. Há um grupo que está imediatamente formado para os passeios, pois já tinha essa actividade e que agora contam com quem lhes organize os passeios. Por outro lado, já começamos a ter as primeiras repercussões dos anúncios nos jornais e as pessoas vão aparecendo. O que noto é que no final

de cada passeio ou evento que vamos ver, as pessoas ficam com uma boa impressão e quase todas o demonstram através do preenchimento do questionário que distribuímos por cada pessoa no final, e que pretendem inscrever-se noutra organização que estejamos a realizar.

A adesão que há reflecte um interesse muito grande das pessoas em sair de casa e de frente da televisão. Outro factor importante é o factor convívio entre as pessoas. As pessoas vão-se conhecendo e também é mais uma oportunidade para fazer novos grupos de amigos como pretexto para saírem todos juntos.

MV: E que tipo de pessoas é que procura e participa nas vossas iniciativas?

MM: É muito abrangente. De tal modo, que temos tido alguma curiosidade das próprias pessoas em saber se podem levar crianças. São pessoas normalmente que gostam de música, de teatro, e que não têm é talvez tempo para o fazer como gostaríamos, apesar de terem esse interesse. E é também um certo comodismo, o facto de terem que organizar as coisas, isso desanima-as.

MV: Estavam à espera desta adesão?

MM: Nós esperamos mais ainda.

MV: E, então, como é que as pessoas vos podem contactar?

MM: Através dos números de telefone 2256751920 e 934380382, ou do e-mail: Margmelo@hotmail.com. ■ C.L.G.

Maré
viva semanário

NA INTERNET EM WWW.INFOCIDADES.PT

MARE.VIVA@NETC.PT

Modas J. Gomes
de José Gomes Fernandes

TUDO PARA HOMEM E SENHORA

Galerias Sabinus - Rua 8 n.º 589 - Lojas 1 e 3
4500 ESPINHO

INFOANIM Publicidade Assistida por Computador, Lda.

COMPUTADORES
IMPRESSORAS
ANIMAÇÃO 2D / 3D
MULTIMEDIA

PC
MAC
AMIGA

RUA 19 N.º 305 • TELEF. 227312057 • FAX 227312312 • 4500 ESPINHO

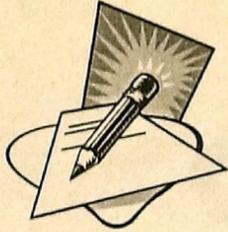
Graciosa
Churrascaria • Restaurante • Snack-Bar

ESPECIALIDADES NA BRASA

BIFE CARPINEIRO À GRACIOSA
BACALHAU ASSADO NA BRASA
POLVO À LAGAREIRO
LULAS NA BRASA
ESPETADA DE MARISCO
FRANGO NO CHURRASCO
ENTRECOSTO ASSADO NA BRASA
COSTELETAS DE VITELA NA BRASA
ESPETADA DE CARNE CRIOLHA
ESPETO DE PICANHA FATIADA

ENCERRA À QUARTA-FEIRA

Rua 62 n.º 5 e 7 (Largo da Graciosa) • Telef. 22.731.36.15
4500-290 ESPINHO



Correio dos Leitores

Da Associação Paramense de Defesa dos Interesses Locais (APARDIL) recebemos a seguinte comunicação:

"Sendo praticamente impossível evitar inundações na altura de chuvas tão intensas como as deste mês [Janeiro], ou quando chegam as enchentes, é nestas ocasiões que se tornam mais evidentes os motivos que impedem a passagem das águas para os pontos mais baixos que a natureza nos deu, com capacidade suficiente para as receber e mandar para o mar, evitando a maioria das inundações que aqui se repetem.

Em Paramos, desde Dezembro de 1995, até no Verão acontecem, porque existem motivos, já comprovados pela Junta de Freguesia

há mais de cinco anos e foi reconhecida, por mais de uma vez e unanimemente, pela Assembleia Municipal, a necessidade da sua resolução. Existem também pareceres de técnicos do Ministério do Ambiente, com soluções e recomendações às autarquias para atenuar esta situação.

Mas, 'na hora do aperto', como o estado dos terrenos não permite o necessário trabalho de máquinas, passada a crise, estes problemas ficam esquecidos, porque outras iniciativas, também importantes, de maior realce, ocupam os eleitos com poder ou influência de decisão.

Assim, os transtornos que se repetem são mais que muitos, os danos são muito vultuosos nas infraestruturas

truturas e são muito afectadas as actividades pessoais, sociais, comerciais e desportivas.

Na hora da aflição, a atitude, de cada um individualmente e também de responsáveis do colectivo, é tentar tapar para que a água não inunde demasiado, só que, quando ela contorna e consegue passar, porque a um nível mais alto, é 'pior a emenda que o soneto'. Em vez de desimpedir os veios de drenagem que a natureza ou os antepassados tiveram o cuidado de rasgar para deixar passar a água, criam-se represas que retêm a água durante dias e, quando voltam as chuvas, tudo transborda, rapidamente.

Recentemente, a nossa Associação, com a concordância da Junta de Freguesia, completou a abertura de uma vala iniciada por uma máquina, onde se corta para o Aero Clube, e abriu uma estreita passagem da água a poente da pista, que demonstram, claramente, a

existência de desníveis suficientes para que, aí, as inundações não se prolonguem no tempo.

Estão também localizados os motivos que impedem a passagem rápida das enchentes vindas de Silvalde e da zona da Vouga, que inundam as ruas a norte e a poente do Quartel, o campo de jogos, a pista, a povoação da Praia e a zona do aeródromo e isso pode ser resolvido por meia dúzia de voluntários, com o nosso apoio e orientação, se nos for demonstrado interesse. Em 4 de Janeiro fizemos uma demonstração local desses motivos ao senhor Presidente da Junta, que se mostrou preocupado e empenhado na resolução desses problemas, mas é urgente agir com acções práticas.

Dessa verificação em conjunto, fizemos um levantamento escrito que, uma semana depois, foi enviado ao Governo, às autarquias, às instituições e às colecti-

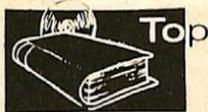
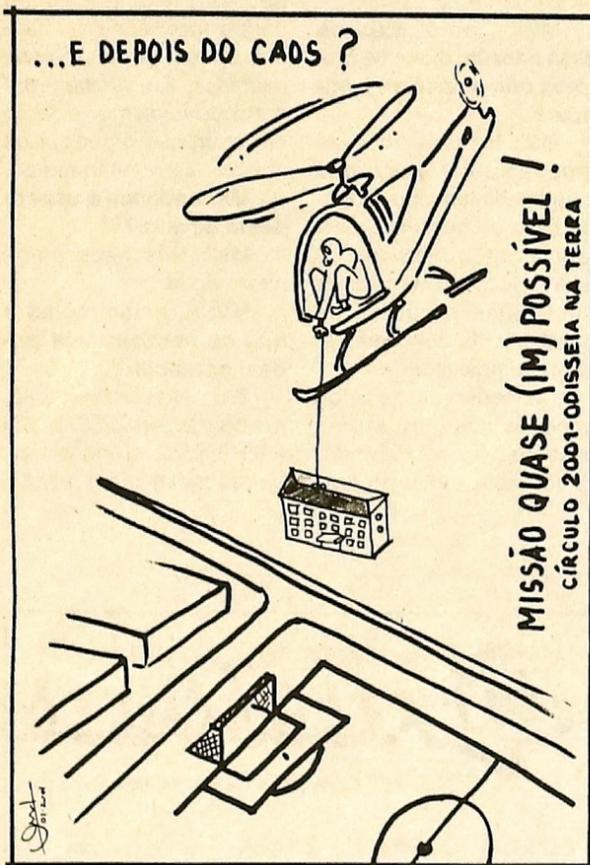
vidades desportivas mais afectadas, sugerindo a estas a nossa disponibilidade para uma acção no terreno mas, naturalmente, essas decisões e acções demoram mais que o justificado pela necessidade. Porque a manutenção destas situações interfere com o objectivo desta Associação (defesa dos interesses locais), não nos cansamos de persistir.

A comunicação social local acaba de dar destaque ao Programa Piloto da Rede Social, onde se insere um Conselho Local de Acção Social (CLAS), que é previsto ser também composto por representantes das entidades sem fins lucrativos interessadas em colaborar e, nesta oportunidade, publicamente, e por cópia que vamos enviar à ADCE, afirmamos a nossa disposição de colaborar na apresentação, discussão e, se entendido por necessário, na execução prática das tarefas que importem executar,

para evitar a maioria das inundações que, com demasiada frequência, se repetem.

O estudo da situação, que vimos desenvolvendo ao longo dos anos, as provas produzidas no terreno, quer influenciando para a reabertura do rio a direito desde o velho restaurante até à bacia da lagoa e reabrindo-o através do lodo da lagoa, a luta inglória que temos desenvolvido para que se corrijam erros praticados no canal da foz, cujos prognósticos lá estão evidentes com a destruição das dunas, porque a foz se desviou umas centenas de metros para norte, e, no caso em apreço, porque conhecemos os aterros que impedem o livre desaguar dos veios da Vouga no rio, num local onde parece que ninguém passa, permitem-nos transmitir dados e formas de resolver, ou atenuar muito a situação existente, que em nada ajuda o desenvolvimento do nosso concelho." ■

O Cartoon do Carlos



Muitas novidades...

Como será do conhecimento da generalidade dos leitores, a livraria Livramar encerrou a 31 de Janeiro, tendo realizado o saldo, o que a impossibilita de fornecer dados estatísticos sobre os livros mais vendidos. Assim, no próximo mês teremos incluída neste top, a par da ABC, uma nova livra-

ria espinhense.

Passamos agora a revelar quais os álbuns e livros mais vendidos em Espinho durante o mês de Janeiro, os quais apresentam, em relação a Dezembro, muitas novidades em ambas as vertentes. ■ E.F.

LIVROS

ABC

1. "Dispa o seu Stress", Lois Levy
2. "Terra da Liberdade", Richard Price
3. "Estilhaços", Júlio Machado Vaz
4. "Conhecer os Homens", Gail Sheehy
5. "O Despertar de uma Nova Mulher", Louise L. Hag

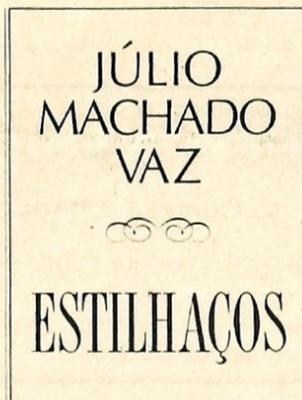
DISCOS

ESTÚDIO 4

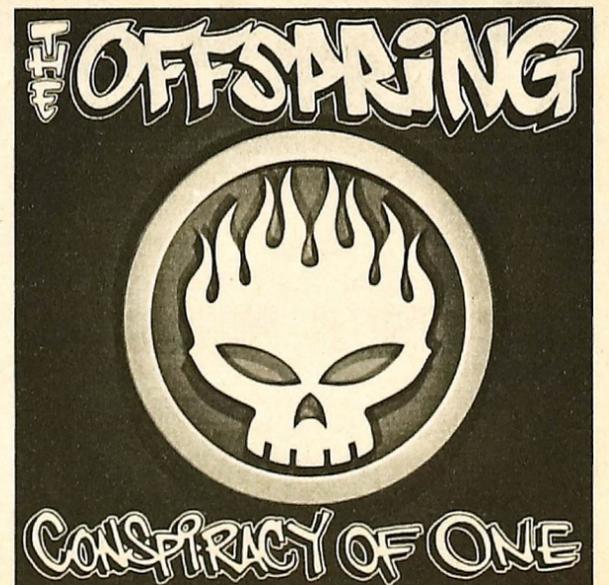
1. "Conspiracy of One", The Offspring
2. "1", The Beatles
3. "All That You Can't Leave Behind", U2
4. "O Melhor de Rui Veloso 20 Anos Depois", Rui Veloso
5. "The Greatest Hits", Texas

XARANGA

1. "Oceano Pacífico"
2. "16 Top World Charts"
3. "The Writing's on the Wall", Destiny Child
4. "Best Of", UB40
5. "Big Brother"



RELÓGIO D'ÁGUA



CASA ALVES RIBEIRO

da Rua 19, 294 - Espinho
tem dos maiores sortidos do país em Vinhos do Porto datados, correntes, de mesa, Aguardentes Velhas e Whiskies

ópticaPIRES

Melhor
É Impossível

RUA 14 N.º 725
4500-233 ESPINHO
TEL. 227340296 - FAX 227311663



Uma questão de atitude

SANTA CLARA
SP. ESPINHO

2
0

ESTÁDIO S. Miguel, Ponta Delgada
ÁRBITRO Olegário Benquerença (A.F. Leiria)

Fernando	Sérgio Leite
Portela	Paulo Serrão
Sandro	Ricardo Martins
Rui Gregório	Jojó
Leal	Aldemir
Barrigana	Vitor Covilhã
Miner	Carlos Miguel
Figueiredo / 94'	Paulão / 40'
Ricardo / 52'	David
George / 90'	Marcão / 71'
Brandão	Armando / 40'
Carlos Manuel	Carlos Garcia
Nuno Santos	Nuno Santos
Ricardo Silva	Nelo
Nuno Sociedade / 94'	Ido
Doda	Maciel / 71'
Pedro Estrela	Ali / 40'
Toni / 90'	Álvaro
Glaedson / 52'	César / 40'

GOLOS 1-0 George (63'), 2-0 Brandão (79')

DISCIPLINA Cartão amarelo Aldemir (48'), César (54'), George (63') Duplo amarelo Aldemir (60')

Consumada a derrota nos Açores, a terceira consecutiva, ainda a quente o técnico do Sp. Espinho, Carlos Garcia, lamentou-se da "falta de atitude" dos seus jogado-

res e fez um aviso à navegação: "Se os profissionais do Sp. Espinho não mudarem de atitude, tudo fica bastante complicado". Agastado com o que tinha acabado de presenciar, o técnico deixou a promessa que vai "apostar em jovens até agora pouco utilizados".

Tem razões de sobra Carlos Garcia para se queixar da falta de atitude de uns quantos jogadores do Sp. Espinho, pouco solidários e disponíveis para trabalhar para o colectivo, como ficou evidente no encontro de domingo com os ilhéus do Santa Clara. Aliás, só uma grande dose de sorte, aliada a um punhado de boas defesas de Sérgio Leite, permitiram aos "tigres" ir para o intervalo sem sofrer golos, isto apesar de a equipa local não ter realizado uma grande exibição, produzindo somente o quanto baste para justificar vantagem no marcador. Insatisfeito com o rendimento da equipa, Carlos Garcia nem esperou pelo intervalo para ordenar em simultâneo duas substituições, fazendo entrar Ali e César para os lugares de Paulo Serrão e Paulão.

Carlos Garcia aproveitou o intervalo para "puxar as orelhas" aos seus jogadores, e a grande verdade é que o Espinho, após o recomeço, não era a mesma equipa apática do primeiro período,

conseguindo mesmo levar o perigo até junto das redes contrárias e, num desses lances, Marcão rematou forte fora do alcance de Fernando, mas a bola bateu nos dois postes e não entrou.

Procuravam os espinhenses dar alicerces à sua estratégia para a segunda parte quando, num erro primário (não ligou à indicação do árbitro para abandonar o terreno na altura que estava a ser substituído), Aldemir acabou por ser expulso. E, como um mal nunca vem só, dois minutos depois os açorianos inauguraram o marcador.

Duplamente em desvantagem (no marcador e em unidades), o Espinho ficou mais vulnerável e o Santa Clara aproveitou para se instalar no meio-campo contrário à procura do golo que lhe confirmasse a vitória, o que acabou por acontecer com toda a naturalidade a dez minutos do final da partida, numa altura em que os espinhenses estavam mais preocupados em não sofrer mais golos do que propriamente em ir procurar o empate.

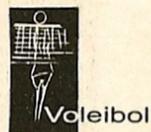
Falta aos jogadores do Sp. Espinho tranquilidade ou disponibilidade para lutar por resultados mais agradáveis, e isso ficou patente neste jogo com o Santa Clara. A continuar assim, não tarda nada para a equipa cair para a zona de despromoção. ■



Lugar aos jovens

Com a equipa senior masculina da AAE em repouso, devido a uma paragem no Nacional ocasionada por mais uma ronda das competições europeias, o passado fim-de-semana foi ocupado, em termos competitivos, pelas camadas jovens. E, curiosamente, todos os escalões jovens da AAE defrontaram iguais escalões de um só clube - o Clube de Hóquei dos Carvalhos. Em juniores e juvenis a vitória sorriu aos acadêmistas, respectivamente por 10-4 e 7-1. Em iniciados e infantis A, os espinhenses somaram duas derrotas, por 0-3 e 0-1, respectivamente. Finalmente, a equipa feminina sub-16 perdeu por 5-2.

No próximo dia 10, sábado, os seniores masculinos voltam à competição que lideram, defrontando, no Pavilhão Arq.º Jerónimo Reis, pelas 21h, a Sanjoanense. ■



'Tigre' devorador

Em ascensão de forma, o Sp. Espinho não deu hipóteses ao seu adversário, que defrontou no decorrer da passada semana. Diante o Castelo da Maia, que ainda não tinha perdido esta temporada, os "tigres" venceram com toda a naturalidade por 3-1. No confronto com o Esmoriz, os espinhenses confirmaram o bom jogo realizado com os maiatos e triunfaram por 3-0, chegando ao segundo posto da classificação.

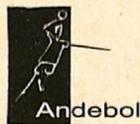
Para o Nacional A2, a Académica venceu em casa o C.N. Ginástica pelo margem máxima (3-0), enquanto o CVE foi a Lisboa vencer a Univ. Lusitana por 3-1. Para o Nacional da 2.ª Divisão, o CAE derrotou o Esmoriz B por 3-1, começando da melhor maneira a sua participação na série dos primeiros.

No escalão de juvenis, o Sp. Espinho venceu a vizinha Académica por 3-1 e sagrou-se campeão distrital. ■



AAE continua na Taça

A Académica de Espinho recebeu (no sintético de Lamas) e bateu o Lousada por 4-1. Desconcentrados na fase inicial da partida, os acadêmistas viram o seu adversário inaugurar o marcador. Contudo, até ao intervalo os "mochos" colocaram-se em vantagem por 2-1. A segunda parte foi de inteiro domínio dos acadêmistas, que, contudo, pecaram na finalização. Por uma vez, o Lousada esteve perto do empate, mas, nos derradeiros dez minutos, os acadêmistas fizeram dois golos e colocaram ponto final na resistência do antagonista. ■



De mal a pior

A A.D. Manuel Laranjeira, mesmo a jogar em casa, somou mais duas derrotas no fim-de-semana, e começa a ficar com a manutenção em risco. No primeiro jogo, contra o C.S. Madeira, as espinhenses ainda conseguiram equilibrar durante a primeira parte, mas, com a chegada do segundo tempo, a equipa acusou quebra física e não seguiu o conjunto insular, que venceu por 22-16.

Contra o Benfica Castelo Branco, as "laranjinhas" entraram desconcentradas e, em pouco tempo, as albicastrenses chegaram ao 5-1. A equipa, com o decorrer dos minutos, registou uma ligeira melhoria mas foi para intervalo a perder por 8-11. No segundo período, jogando com grande agressividade na zona defensiva, as visitantes não se deixaram surpreender e acabaram por vencer por 21-17. ■

Futebol popular

Morgados venceram!

E de repente todos sorriram. Sabe porquê? Porque mais importante que o desaire do Rio Largo ou os três pontos conquistados pelos Águias de Paramos foi a vitória alcançada e há muito desejada pelos Morgados, que já não se lembravam em que data tinha sido conquistada a anterior. É verdade! Os Morgados ganharam no passado fim de semana, por 3-1, ao G.D. Outeiros. E em Paramos houve festa de arromba, o que se entende, já que não é todos os dias que se coloca ponto final a um jejum com mais de dois anos.

Na 1.ª divisão, os Ág. Paramos voltaram às vitórias e, face à derrota do Rio Largo frente à Associação, alargaram a vantagem para o segundo classificado, que é agora o Cantinho, graças ao triunfo aver-

bado ante os Ág. Anta. Na luta pela manutenção, Quinta de Paramos, Magos e D.P. Anta marcaram passo, enquanto o Académico (venceu os Magos) ficou agora menos isolado no último lugar.

Na 2.ª divisão, também a Corredoura somou a primeira vitória da temporada ao derrotar (1-0) os Est.º Vermelhos. Centrando as atenções no topo da tabela, G.D. Idanha e Lomba, respectivamente primeiro e segundo classificados, venceram e aumentaram a vantagem para as equipas perseguidoras, uma vez que nenhuma delas garantiu os três pontos.

Na 3.ª divisão, os dois primeiros, Guetim e Cruzeiro, venceram e viram a concorrência a ficar mais longe. Tudo parece encaminhado para o seu ingresso na 2.ª divisão. ■

Badminton

Vitória em pares

Disputaram-se no passado fim-de-semana os Campeonatos de Badminton de Coimbra. O Núcleo de Badminton do Centro Desportivo de Espinho fez-se representar na competição com três atletas de segundas categorias (João Artur, Arlindo Carvalho e Paulo Mesquita) e um de terceiras categorias (António Rodrigues).

O par Arlindo Carvalho - Paulo Mesquita venceu, indiscutivelmente, a competição, ascendendo ao topo do ranking nacional de pares-homens. Em singulares, Paulo Mesquita alcançou um honroso 3.º lugar. ■

Francisco de Oliveira

SOLICITADOR

ESC.: Rua 19 n.º 405 - 2.º C
Tel. 227320680
RES.: Rua Padre Sá n.º 201
Paramos - Espinho
Tel. 227345190

RESTAURANTE MARRETA

de Pedro Silva Lopes

Caldelrada e Cataplanas de Peixe
Cataplanas de Tamboril
Açorda e Arroz de Marisco

ACEITAM-SE ENCOMENDAS PARA FORA
Rua 2.N.º 1355/1361 * Tel. 227340091
4500 ESPINHO * PORTUGAL

Romy

cabellerairo

esteticista - massagista
manicure e pedicure

Rua 31, 330
4500 ESPINHO
Tel. 22 732 19 95

Armações
Lentes de Contacto
Óculos de Sol

VISÃO'21
Óptica Médica

MARCAMOS CONSULTAS PARA MÉDICO OFTALMOLOGISTA

EXIJA OS CUIDADOS DE UM PROFISSIONAL
OS SEUS OLHOS VÃO VER A DIFERENÇA

TESTE DE VISÃO GRATUITO

Ângulo das Ruas 21 e 18 - Tel. 227330990 - ESPINHO

RUI ABRANTES

ADVOGADO

Rua 18.º 582 - 1.º Esq.º
Sala 3 - Telef. 227343811
ESPINHO

Recordando Carlos Pinheiro de Moraes

Todos nós temos a nossa própria história, mais ou menos rica, ligada a personagens e coisas do passado que ocasionalmente descobrimos, normalmente quando numa tarde chuvosa nos propomos arrumar umas gavetas e encontramos uns papéis "velhos". Foi o que aconteceu há dias ao deparar com a correspondência trocada com o meu querido e saudoso amigo Carlos Pinheiro de Moraes (Carlitos para os mais íntimos). Nessa correspondência, para além de escritos muito interessantes, encontrei este episódio engraçado que passo a partilhar com os leitores deste jornal.

Estávamos em Janeiro de 1984 e num dos seus tão apreciados RASCUNHOS, publicados semanalmente neste jornal, com a extrema modéstia, que lhe era peculiar, lá se lamentava ele da grande dificuldade que tinha em escrever, sempre com receio de "nada ter dito" de interesse para os leitores, concluindo contudo da sua grande satisfação quando recebia, normalmente na rua, o eco elogioso daquilo que escrevia, e a propósito contava o seguinte:

"Uma das minhas leitoras há dias bateu-me nas costas e disse-me que não falhava nunca a leitura desta coluna. Gostava do que eu escrevia, achava piada a algumas coisas e, acima de tudo, tirava benefícios directos de me ler. É que, sempre que pressentia necessidade de ir ao quarto de banho,

se munia do jornal, instalava-se na poltrona de buraco que nessas dependências existe, e, enquanto me ia lendo, a sua fisiologia procedia a todas as formalidades que tendiam a um fim feliz daquilo que se vai fazer para um quarto de banho sem ser lavarnos. Valeu a pena ouvir isto, porque a partir de agora tenho uma certeza absoluta: o que eu escrevo pode não ter outra utilidade mas lá que é laxativo, isso é.

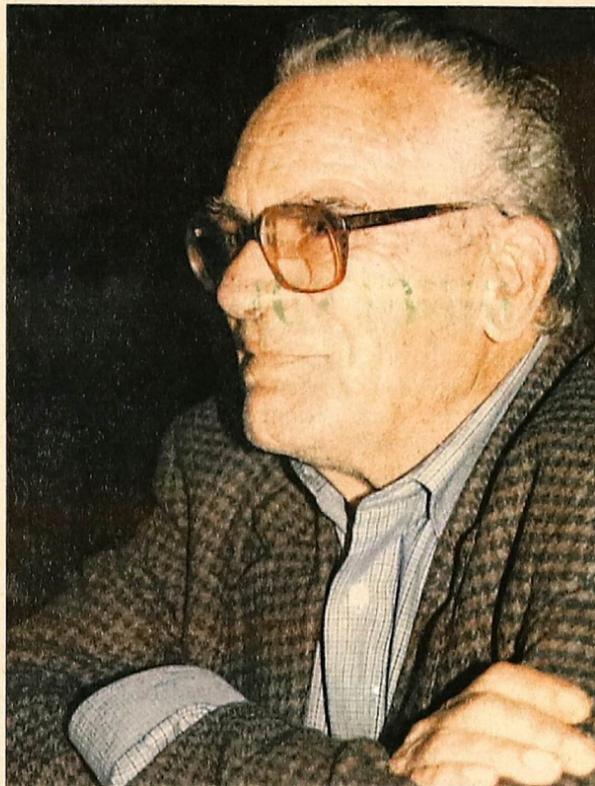
Carlos P. Moraes

Por ter achado na altura imensa piada às referências do poder laxativo da sua escrita escrevi-lhe a seguinte carta:

"LEITURA LAXATIVA"

Acabo de ler o seu último "RASCUNHO(S)" confortavelmente sentado, pois o meu sentido de conforto sempre se mostrou avesso a determinados locais de "leitura laxativa". Acho até que para tal efeito o melhor seria o uso do tradicional talo de couve besuntado em azeite, mezinha caseira tão do agrado dos nossos avós e que ainda hoje poderá ser experimentada pelos mais renitentes à administração de drogas ou pelos opositores às multinacionais farmacêuticas.

Bom, mas não era esta a minha intenção primeira ao comunicar consigo. Querria era dizer-lhe que estou em total desacordo com a sua afirmação de que não tem jeito para escrever, facto que pode facilmente ser comprovado pelo que já tem



Um gosto especial pela escrita epistolar

escrito e pela opinião de muitos dos seus leitores. Afirmo-lhe isto através do conhecimento que tenho das muitas pessoas que fazem o que eu faço ao receber o MARÉ VIVA todas as semanas: lerem imediatamente o seu sempre tão saboroso "RASCUNHOS". Por isso não nos venha com a ideia de que o que escreve diz pouco, pois, para além de não nos convencer, a nós, leitores, dá-nos ainda o direito de lhe "exigir" que tome a sua colaboração jornalística mais intensa. Deite cá para fora todo o seu "abstracto" porque a vida são dois dias... e um já lá vai!!!

Querria ainda lançar para o ar a ideia da compilação em livro de todos os seus "RASCUNHOS" na imprensa da nossa terra. Seria, pois, mais uma maneira de lhe provar que de facto tem muitos leitores que muito o apreciam.

Um abraço do seu amigo e leitor certo

Carvalho Baptista
Lisboa, 23/01/84

A sua resposta não se fez esperar:

Aquela tretinha que outro dia contei sobre o poder laxativo das minhas croniquetas não foi muito do

agrado de dois dos meus leitores. Vai daí, botaram carta cá para o escriba, uma delas dada à estampa na semana passada, e outra chegada directamente a minha casa.

O Manuel, um dos homens do CINANIMA apesar de viver em Lisboa, "amandou-me" uma série de elogios que não me fazem babar só porque eu sei que é a nossa velha amizade que lhos dita e não um autêntico espírito crítico. Surpreendeu-me o modo bem humorado como elaborou a sua carta, e ficou-me a dúvida se ele também não poderia vir a ser um colaborador cá do nosso jornal. É que quem escreve assim... não é gago. Só não me venha é lá com essa ideia mais que macabra do livro. As minhas diarreias cerebrais estão bem para uma leitura semanal que esquece rapidamente mas não para essa coisa de responsabilidade bem maior que é o livro. Mesmo porque, não vá o sapateiro além da chinela.

Também de Lisboa me veio um recado da Maria Ângela, uma moça do meu tempo, que não gostou nada de que a minha prosa entrasse na farmácia dos laxantes. E, vai daí, desabafa o seu protesto numa inesperada missiva, pedindo-me que escreva sempre, mesmo que "para isso não tenha vontade".

Mentiria se afirmasse não me sentir lisonjeado com estas duas cartas amigas, mas também de-

vo confessar que gostei muito da confiança da minha outra leitora, amiga "velha", que me fez acreditar nas funções laxativas do que boto para a minha coluna semanal. E, vamos lá entender-nos. Um laxativo é um purgante ligeiro, que serve para aliviar certas indisposições intestinais. Higiénico é o papel que usamos para limpar o ponto final do aparelho digestivo. E a minha amiga não disse que usava o jornal para este último efeito ...

Vem a talho de foice contar uma pequena história de um homem bom a quem muito estimei e por quem nutro uma sentida saudade. Ele era dado às musas e, por via disso, volta não volta, abordavam-no para que fizesse uma versalhada a este ou aquele propósito. Não se negava nunca e, com o seu humor espontâneo e uma constante boa disposição, respondia ao petiçãoário: "Pois sim, quando for ao quarto de banho, faço os versos. Sai trampa por baixo e por cima". Eu não faço versos e estas croniquetas só não são feitas no meu quarto de banho porque não dá jeito nenhum ter a máquina de escrever sobre os joelhos.

Carlos P. Moraes

Ao reler algumas destas cartas não posso deixar de lembrar com muita saudade o homem bom, generoso e inteligente que era o nosso Carlos Moraes. ■ Cê Bê



RITA MAIA GOMES

As folhas soltam-se em impulsos de rapidez. E eu mando-te mensagens... na esperança de que as sintas na tua solidão.

Peço para que sigas o teu coração - porque é o coração mais nobre e sincero que conheço.

Peço para que fujas daqueles que magoam o teu espírito e que não o deixam sossegar - porque o teu espírito é o único que derrete as minhas certezas.

Peço para que não chores - porque as lágrimas são lindas só nos meus olhos e

A propósito das folhas que dançam no chão

nunca nos teus.

As folhas revoltam-se num chão sujo... num espaço que poderia ser meu mas não é. E o meu corpo gela porque sei que sofres... porque sei que em ti vive uma tristeza incurável. O meu corpo gela porque eu sofro, também.

Sofro porque sei que sofres. Sofro por saber o que sofres. E o sofrimento é cruel porque nos atira contra as paredes.

A minha nudez é cada vez mais visível aos teus olhos. Porque ao sofrer por ti estou a revelar uma intimidade proibida de ser revelada. E esta nudez irrequieta vai-se soltando de mim e, aos poucos, impõe-se no horizonte... e eu tenho medo que todos a descubram.

As folhas insurgem-se neste espaço que poderia ser meu mas não é. Eu penso em ti. E eu penso tanto em ti. E nasce um desejo súbito de te ir buscar, abraçar-te e trazer-te para mim.

E a minha nudez quer-te ao meu colo... para te agarrar como uma nuvem de algodão,

para te agasalhar num calor sereno, para te aconchegar contra as tempestades que te aleijam.

E a minha nudez chama por ti, ela quer-

-te, desesperadamente, ao meu colo para não deixar que te firam na tua existência quase perfeita.

E eu poderia dar-te a minha mão.

E eu poderia dar-te um beijo. Um BEIJO. UM BEIJO. Mas se o desse corria o risco de fazer parar o Mundo, para sempre.

E eu poderia até amar-te. Amar-te. AMAR-TE... no plano divino, no plano da Perfeição... para que ficasses, para sempre, imune à dor. ■

Lisboa, Janeiro/2001

"Sofro porque sei que sofres. Sofro por saber o que sofres. E o sofrimento é cruel porque nos atira contra as paredes."